



ALADI/SEC/Estudo 5
7 de março de 1983

EVOLUÇÃO E ESTRUTURA DO INTERCÂMBIO COMERCIAL
DOS PAÍSES QUE INTEGRAM A ALADI, 1952-1980

ÍNDICE

	<u>Página</u>
INTRODUÇÃO	4
RESUMO E CONCLUSÕES	5
I - COMÉRCIO REGIONAL NO CONTEXTO DO COMÉRCIO MUNDIAL, 1952/1980	9
II - COMÉRCIO INTRA-REGIONAL NO CONTEXTO DO COMÉRCIO GLOBAL DA REGIÃO, 1952-1980	18
III - DESVIO DE COMÉRCIO, 1961-1980	20
IV - COMÉRCIO DE PRODUTOS NEGOCIADOS	27
V - GEOGRAFIA DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL	30
VI - ESTRUTURA DO COMÉRCIO REGIONAL POR CATEGORIAS DE PRODUTOS	40
VII - SALDOS DA BALANÇA COMERCIAL 1962-1980	59
VIII - PERSPECTIVAS DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL PERANTE A ATUAL CONJUNTURA MUNDIAL	68

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro no. 1.	Exportações Regionais e Mundiais, 1952-1980	11
Quadro no. 2.	Importações Regionais e Mundiais, 1952-1980	12
Quadro no. 3.	Exportações Regionais e Mundiais sem Combustíveis, 1962-1980	13
Quadro no. 4.	Importações Regionais e Mundiais sem Combustíveis, 1962-1980	14
Quadro no. 5.	Taxas Anuais Geométricas de Crescimento dos Valores do Comércio Regional e Mundial, 1952-1980	16
Quadro no. 6.	Índices de Quantum e de Valor Unitário: Variações Quinquenais 1960-1979 para as Exportações Regionais e Mundiais	17
Quadro no. 7.	ALALC: Desviação de Comércio, 1961-1970 e 1970-1980 ..	22
Quadro no. 8.	Participação do Comércio Intra-regional no Global por país, 1961-1970-1980	24
Quadro no. 9.	Estrutura Percentual das Importações Intra-regionais dos países-membros por Tipo de Comércio	28
Quadro no. 10.	Participação dos países da Região no Comércio: 1962, 1970 e 1980	31
Quadro no. 11.	Produtos Diferentes de Combustíveis: Percentagem Comercializada com a Região, 1962, 1970 e 1980	33
Quadro no. 12.	Participação nas Exportações Intra-regionais por pares de países, 1962-1980	34
Quadro no. 13.	Percentagem do Comércio Intra-regional de cada país com os três sócios principais: 1962, 1970 e 1980	37

//

//

Índice de Quadros (Cont.)

	<u>Página</u>
Quadro no. 14. Estrutura Percentual das Exportações dos Países-Membros por Grupos de Produtos e Destino, 1962, 1970-1980	41
Quadro no. 15. Estrutura Percentual das Importações dos Países-Membros por Grupos de Produtos e Origem, 1962, 1970-1980	46
Quadro no. 16. Estrutura do Comércio Intra-regional dos países-Membros por Grupos de Produtos e Anos, 1962, 1970-1980	51
Quadro no. 17. Estrutura do Comércio Exterior dos Países-Membros com o Resto do Mundo por Grupos de Produtos e Anos, 1962, 1970-1980	52
Quadro no. 18. Participação das Exportações Intra-regionais nas Exportações Globais dos Países-Membros e Distribuição do Incremento segundo Grupos de Produtos, 1962, 1970-1980	53
Quadro no. 19. Participação das Importações Intra-regionais nas Importações Globais dos Países-Membros e Distribuição do Incremento segundo Grupos de Produtos, 1962, 1970-1980 ..	56
Quadro no. 20. Balança Comercial com a Região e com o Resto do Mundo 1962-1980: Coeficientes de Correlação por País	61
Quadro no. 21. Saldos da Balança Comercial dos Países por Grupos de Produtos, 1962, 1970-1980	63
Quadro no. 22. Balanço de Pagamentos e Reservas dos Países da Região, 1981	69

//

INTRODUÇÃO

O presente documento contém um estudo sobre o intercâmbio comercial dos onze países que formam a ALADI. Este trabalho está incluído no programa da Associação estabelecido pela CR/Resolução 10 sob o título: "Análise da estrutura e evolução do comércio intra-regional".

O critério geral para a realização deste estudo foi enquadrar a evolução e a estrutura do comércio intra-regional dentro da evolução e estrutura do comércio exterior global dos onze países da região. Isto permite não somente realçar as diferenças que possam ter existido no desempenho de um e outro tipo de comércio, mas levar em consideração também os fatores que os afetaram em forma comum.

Intentou-se abranger o período do pós-guerra na medida em que a disponibilidade dos dados permitiu. Para os estudos mais gerais dispunha-se de dados sobre o período 1952-1980. Para os estudos mais desagregados por país e por tipo de produto dispôs-se de informação desde 1962 a 1980.

No capítulo I descreve-se a evolução do comércio exterior dos onze países da região perante a evolução do comércio mundial no período 1952-1980. No capítulo II descreve-se a evolução do comércio intra-regional e compara-se com a evolução do comércio exterior total da região no mesmo período. No capítulo III trata-se de identificar os fatores que propiciaram o crescimento do comércio intra-regional nos anos 60 e 70. O capítulo IV refere-se ao crescimento do comércio de produtos negociados. No capítulo V tenta-se identificar o padrão geográfico de crescimento do comércio intra-regional nos anos 60 e 70. No capítulo VI analisa-se a evolução do comércio com a região e com o resto do mundo segundo cinco grandes categorias de produtos: alimentos, matérias-primas agrícolas, combustíveis, minérios e metais e manufaturas. No capítulo VII estuda-se o desempenho das balanças comerciais dos países ante a região e ante o resto do mundo. Finalmente, o capítulo VIII trata de aplicar as principais conclusões do estudo à conjuntura externa pela qual atravessa a região no começo da década dos 80.

É conveniente advertir que, neste estudo, o termo "globais" aplicado às importações ou exportações dos países ou da região refere-se às importações ou exportações totais, ou seja intra-regionais e extra-regionais, seja de um país ou da região. No último caso, em lugar de falar de exportações ou importações globais da região às vezes emprega-se simplesmente o termo "regionais".

O estudo está precedido por uma apresentação de seus principais resultados e conclusões. Esta síntese é suficiente para que o leitor com pouca disponibilidade de tempo possa ter uma idéia do conteúdo do trabalho.

//

//

RESUMO E CONCLUSÕES

1. A região perdeu em forma contínua participação no valor do comércio mundial entre 1952 e 1975. Essa participação diminuiu de 7 por cento para 3.8 por cento nesses 23 anos. Entre 1975 e 1980 a tendência parecia ter começado a reverter-se.
2. Este fenômeno explica-se mais pelo comportamento do quantum de exportações que pelo comportamento dos preços. Até 1975 o quantum das exportações mundiais cresceu a 8 por cento anual e o das exportações regionais, a taxas inferiores a 5 por cento anual. A partir de 1975, as exportações mundiais desaceleraram-se e as regionais começaram a crescer de forma mais rápida.
3. O comportamento contracíclico das exportações regionais sugere que sua evolução dependeu mais de fatores vinculados à oferta e das políticas econômicas internas dos países que do comportamento da procura externa.
4. O comércio intra-regional tendeu a crescer mais rapidamente que o comércio regional global em épocas de expansão deste último e a diminuir mais rapidamente em épocas de contração. Como resultado, o intercâmbio intra-regional esteve perdendo participação no comércio da região na década de 50, e começou a incrementá-la de forma contínua a partir de 1962.
5. As exportações intra-regionais representaram quase 7 por cento das exportações regionais em 1961, 10 por cento em 1970 e 14.0 por cento em 1980. As importações da região corresponderam aproximadamente a 8 por cento das importações regionais em 1961, 11 por cento em 1970 e 12 por cento em 1980.
6. Nos começos da ALALC, a região acabava de experimentar uma deterioração em suas exportações e uma contração relativa do comércio intra-regional. O ambiente externo, mais favorável na década de 60 que em fins dos anos 50, facilitou os esforços de integração regional. No começo da ALADI, a situação é inversa. A região experimentou, na segunda metade da década de 70, um período de florescimento de suas exportações, e enfrenta atualmente dificuldades no campo externo.
7. Ao finalizar a década de 70 a região tinha incrementado sua participação nas importações e exportações, tanto do conjunto dos onze países como de cada um deles separadamente.
8. Durante os dez primeiros anos da ALALC -decênio de 1960- um fator importante para o crescimento do intercâmbio intra-regional foi o desvio de comércio, que poderia explicar até 61 por cento das importações adicionais do período, o que representa até 35 por cento das importações da região em 1970.
9. Durante a década de 70 o desvio de comércio não foi importante como fator explicativo da expansão do intercâmbio regional. O crescimento das exportações para a região neste período se explica porque os empresários regionais soube

//

vf

//

ram aproveitar o rápido crescimento das importações totais, alimentado em grande parte pelo crédito externo.

10. Ao iniciar a década de 80, a região enfrenta problemas de pagamentos de magnitude somente comparável, no passado imediato, aos problemas de fins da década de 50. A perda de participação que sofreu o comércio intra-regional no comércio global da região nesses anos indica que é necessário estar alerta para que não se repita esse fenômeno, e que os países deverão tomar consciência da possibilidade de que as medidas corretivas dos desequilíbrios externos afetem o próprio intercâmbio dentro da região.
11. A participação dos produtos negociados no intercâmbio regional foi perdendo importância, de quase 90 por cento em 1965 a 70 por cento em 1970 e 40 por cento em 1980. Apesar disso, o comércio continuou crescendo.
12. A perda da relativa importância do comércio negociado parece um sinal não de fracasso mas do êxito obtido através do esquema inicial de concessões e preferências na ALALC: uma vez geradas algumas correntes importantes de comércio, os custos unitários reais de transporte, comunicações e mercado entre os países provavelmente tenderam a uma baixa o que favoreceu o desenvolvimento do comércio em geral e não somente o desenvolvimento do comércio negociado.
13. Em 1980, a região teve uma alta participação (superior a 20 por cento) nas exportações e nas importações de cinco países: Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile e Argentina, uma participação moderada (entre 10 por cento e 20 por cento) no caso de quatro países: Brasil, Colômbia, Equador e Peru e uma participação baixa (menor a 10 por cento) nos casos do México e Venezuela. Fatores geográficos, bem como a complementariedade das economias dos países do sul entre si e a respeito do Brasil, favoreceram um maior grau de integração comercial entre os países do Cone Sul, Bolívia e Brasil.
14. Nas duas décadas passadas o comércio intra-regional manteve-se mais concentrado que o comércio com terceiros países: em 1962 a Argentina e o Brasil realizaram 42.0 por cento das exportações intra-regionais e 30.7 por cento das exportações ao resto do mundo. Em 1980 realizaram 48.6 por cento e 34.0 por cento, respectivamente.
15. A expansão relativamente rápida do comércio intra-regional nas duas décadas passadas obedeceu mais ao crescimento do intercâmbio em forma bilateral do que a uma verdadeira generalização do comércio multilateral. Na década de 60 o crescimento do intercâmbio esteve liderado pelo comércio da Argentina com seus vizinhos, Brasil e Chile, e na década de 70, pelo comércio bilateral do Brasil com o Chile, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela.
16. Entre 1962 e 1980, as exportações mais dinâmicas para o resto do mundo foram os combustíveis (que passaram de 32.6 por cento a 42.5 por cento) e as manufaturas (cujas participações passaram de 3.2 por cento a 11.9 por cento). As exportações mais dinâmicas para a região foram as manufaturas, cuja participação passou de 9.7 por cento das exportações intra-regionais em 1962 a 43.3 por cento em 1980, e os minérios que passaram de 9.0 por cento a 12.8 por cento nesse período. Os alimentos e matérias-primas agrícolas perderam participação tanto no conjunto das exportações intra-regionais (de 47.7 por cento a 23.8 por cento) como para o resto do mundo (48.9 por cento a 33.1 por cento).

//

vf

//

17. Em 1980, os países dirigiram, em média, 37.2 por cento de suas exportações de manufaturas para a região. Acima desta média estiveram a Argentina (43.6 por cento), Bolívia (60 por cento), Brasil (38.5 por cento), Colômbia (45.6 por cento), Chile (51.9 por cento), Equador (86.3 por cento), Paraguai (73.0 por cento), Peru (39.2 por cento) e Uruguai (45.2 por cento). A Venezuela enviou 34.9 por cento de suas exportações manufatureiras à região e o México, 16.5 por cento. Em geral, o mercado regional alcançou grande importância para os exportadores de manufaturas da mesma região.
18. Entre 1962 e 1980, as manufaturas perderam participação (de 73 por cento a 62 por cento) no conjunto das importações de terceiros países e ganharam participação (de 10 por cento a 39 por cento) no conjunto das importações da região. Os combustíveis aumentaram sua participação nas importações do resto do mundo -de 5 por cento a 17 por cento- e diminuíram nas importações da região -de 33 por cento a 21 por cento-. Os alimentos e matérias-primas agrícolas mantiveram uma participação estável (ao redor de 12 por cento) no conjunto das importações de terceiros países e perderam participação de 40 por cento a 26 por cento, nas importações da região.
19. Em 1980, a região forneceu 8.3 por cento das manufaturas importadas pelos países, 14.7 por cento dos combustíveis importados, 19.1 por cento das importações de minérios e metais, 22.2 por cento das importações de alimentos, e 26.5 por cento das importações de matérias-primas agrícolas.
20. Em 1980, a região foi basicamente exportadora de alimentos, matérias-primas agrícolas, combustíveis e minérios e metais, frente ao resto do mundo e clara importadora de manufaturas, item em que suas importações líquidas foram de 37 bilhões de dólares.
21. A região tendeu a gerar superávit em sua balança comercial frente ao resto do mundo na década de 60 e déficit na década de 70, na qual o financiamento externo alimentou a expansão das importações.
22. Para a maioria dos países, entre 1962 e 1970 houve uma correlação positiva entre os saldos da balança comercial com a região e com o resto do mundo, o que indica que os saldos do comércio intra-regional estiveram determinados sobretudo pelas políticas e tendências gerais do comércio exterior em cada país.
23. Em geral, os países são basicamente exportadores ou importadores dos mesmos tipos de produtos frente à região e frente ao resto do mundo. A exceção mais notável a esta regra é o Brasil, que continua sendo basicamente importador de manufaturas do resto do mundo e é claro exportador desta categoria de produtos para a região.
24. Existem alguns fatores que indicam que as dificuldades para o avanço do comércio intra-regional poderiam ser não despresíveis nos anos vindouros. Esses fatores são: i) A menor disponibilidade de crédito externo, elemento importante para a expansão das importações em geral e da própria região na década passada; ii) A necessidade de gerar superávit na balança comercial, implicando isto políticas que estimulem as exportações e desestimulem as importações em geral; e iii) O fato de que o crescimento do comércio intra-regional produziu-se em forma bilateral nos países maiores, que enfrentam -como quase todos os demais- sérios problemas de pagamentos. A presença destes fatores deveria

//

//

alertar os países-membros da ALADI a promover as ações de cooperação econômica previstas no Tratado de Montevideu 1980 e a manter estáveis as regras de jogo que em matéria comercial se estabeleçam.

25. O fato de que o comércio intra-regional ainda representa uma fração relativamente baixa do comércio regional levou alguns a argumentar que a contribuição de um incremento do intercâmbio regional a solucionar os problemas de pagamentos na região através de uma poupança líquida regional de divisas seria desprezível. No entanto, embora esta afirmação seja válida para a região em seu conjunto, ela não é certa para aqueles países em cujo comércio a região tem uma alta participação, já que um crescimento importante desse comércio para esses países implicaria um crescimento percentual também relativamente importante no intercâmbio total regional, facilitando-se assim a solução do problema mencionado.
-

//

I. COMÉRCIO REGIONAL NO CONTEXTO DO COMÉRCIO MUNDIAL, 1952-1980 (1)

Como primeira aproximação do estudo do comércio, tanto global como intra-regional dos onze países que em 1980 constituíram a ALADI, é conveniente realizar uma apreciação de sua participação e desempenho dentro do comércio mundial em uma perspectiva a longo prazo. Neste capítulo realiza-se uma comparação entre o comércio regional e o comércio mundial para o período 1952-1980, que é o período que permite abranger a disponibilidade de dados. Dada a dificuldade de obter "deflatores" adequados para ambas séries de dados durante todo o período abrangido, a análise é feita em dólares correntes, apesar das óbvias limitações que possa ter este procedimento.

A primeira pergunta que pode fazer-se sobre o ponto aqui tratado é em que medida o comportamento do comércio regional pode ser explicado pelo comportamento do comércio mundial. A análise estatística de regressão mostra que durante as três últimas décadas o comércio regional moveu-se no mesmo sentido que o comércio mundial, mas a um ritmo muito menor. Obviamente, como resultado disto a região veio perdendo continuamente participação no comércio mundial de bens desde começos da década de 50.

Um ajustamento linear entre as taxas anuais de crescimento das exportações regionais e as taxas anuais de crescimento das exportações mundiais indica que, em média, durante as três décadas passadas, para que as exportações regionais tivessem um crescimento positivo o comércio mundial tinha que crescer acima de uma taxa de 5 por cento (em valores correntes) (2). A elasticidade média durante o período das exportações regionais frente às exportações mundiais foi de 0.85.

Como resultado do atraso no crescimento das exportações regionais, a participação destas últimas nas exportações mundiais chegou a cair de 7.8 por cento em 1953 a 3.4 por cento em 1975 (ver Quadro no. 1, coluna 10). A participação da região nas exportações mundiais diferentes de petróleo em 1975 era somente 2.8 por cento (ver Quadro no. 3). Estas quantias implicam que no transcurso de duas décadas (meados da década de 50 até meados da década de 70) a participação da região nas exportações mundiais reduziu-se em mais de 50 por cento.

(1) Neste trabalho denomina-se "região" o conjunto dos onze países que formam atualmente a ALADI: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Estes onze países geraram em 1978 88 por cento do PIB total da América Latina e do Caribe e 66 por cento de seu comércio exterior.

(2) O ajustamento de regressão deu o seguinte resultado:

$$XR_t = - 0.071 + 1.41 XM_t \quad R^2 = 0.8464$$

onde: XR = Taxa de variação das exportações da região.

XM = Taxa de variação das exportações mundiais.

t = 1952, ..., 1980.

vf

//

O comportamento das importações de bens foi similar. A participação da região nas importações mundiais, que chegou a ser de 6.7 por cento em 1952, somente foi de 3.5 por cento em 1973 (ver Quadro no. 2). A participação nas importações diferentes de combustíveis foi de 3.6 por cento em 1973 (ver Quadro no. 4).

No Quadro no. 5 é feita uma comparação entre as taxas de crescimento do comércio mundial e do comércio da região por quinquênios. Para todos os quinquênios compreendidos entre 1950 e 1975, as exportações regionais cresceram a taxas anuais inferiores às das exportações mundiais, mas o atraso foi sensivelmente maior nos períodos 1955-1960 e 1965-1970. A partir de 1975, as exportações da região começaram a crescer a taxas superiores às exportações mundiais.

Não deixa de ser surpreendente a perda de importância relativa do comércio exterior da região durante um período no qual, precisamente, o comércio mundial cresceu a taxas excepcionalmente altas. Segundo W.A. Lewis, em sua dissertação na Academia Sueca ao receber o prêmio Nobel de Economia em 1980, "o mundo acaba de passar por um par de décadas de crescimento sem precedentes, onde o comércio mundial esteve crescendo duas vezes mais rápido que em qualquer oportunidade anterior, a uma taxa aproximada de 8 por cento anual em termos reais. (...) Durante estas prósperas décadas, os países em desenvolvimento demonstraram sua capacidade para aumentar seu produto total a 6 por cento anual". (1) Por que, então, o comércio da América Latina, em geral, e da região, em particular, teve um comportamento pouco dinâmico em comparação com o comércio mundial?

No período 1950-1980, a diminuição da participação da região no comércio mundial não tem como explicação primária uma declinação relativa dos preços dos produtos exportados, com exceção da década de 50, na qual boa parte da baixa na participação explica-se pela deterioração dos preços dos produtos básicos após ter alcançado níveis excepcionalmente altos durante o "boom" da Guerra da Coreia. Mas, a partir da década de 60 os termos de intercâmbio da região tenderam a estabilizar-se e inclusive a melhorar; apesar disso a participação no comércio mundial continuou declinando, pelo menos até 1976.

Em geral, muito mais importante que a variável "preço" como fator explicativo do ritmo relativamente lento de crescimento do comércio regional é a variável "quantidade". No Quadro no. 6 apresentam-se as taxas de crescimento quinquenais dos índices de "quantum" e de valor unitário das exportações de cinco grupos de países. Infelizmente não puderam obter-se estes dados para os países não regionais para a década de 50, motivo pelo qual as cifras partem do quinquênio 1960-1965.

Os cinco conjuntos de países, para os efeitos de comparação no Quadro no. 6, são: i) As economias desenvolvidas de mercado; ii) Os países em desenvolvimento não exportadores de petróleo; iii) Os países em desenvolvimento, exportadores de petróleo; iv) A América Latina; e v) A região.

Se se compara o crescimento percentual quinquenal do valor total, do valor unitário e do "quantum" das exportações da região com o correspondente aos países desenvolvidos, observa-se o seguinte:

(1) W.A. Lewis. "The Slowing Down of the Engine of Growth", American Economic Review Vol. 70 no. 4, September 1980, p. 555.

//

QUADRO No. 1

EXPORTAÇÕES REGIONAIS E MUNDIAIS, 1952-1980

ANO	EXPORTAÇÕES REGIONAIS				EXPORTAÇÕES MUNDIAIS			EXPORTAÇÕES REGIONAIS MUNDIAIS (10) = (5)/(6)		
	INTRA-REGIONAIS		AO RESTO DO MUNDO		GLOBAIS		Taxa de crescimento (%)			
	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)				
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7) = (1)/(5)	(8)	(9)	(10)	
1952	529	-	5.251	-	5.780	-	10,1	80.600	-	7,2
1953	684	29,3	5.729	9,1	6.413	11,0	10,7	82.700	2,6	7,6
1954	681	- 0,4	5.921	3,4	6.602	2,9	10,3	86.100	4,1	7,7
1955	674	- 1,0	5.915	- 0,1	6.589	- 0,2	10,2	92.978	8,0	7,1
1956	768	- 19,7	6.540	10,6	7.108	7,9	8,0	103.800	11,6	6,8
1957	617	8,6	6.358	- 2,8	6.975	- 1,9	8,8	112.000	7,9	6,2
1958	594	- 3,7	5.981	- 5,9	6.575	- 5,7	9,0	108.504	- 3,1	6,1
1959	586 (a)	- 1,3	6.437 (a)	7,6	7.023	6,8	8,4 (a)	115.700	6,6	6,1
1960	568	- 3,1	6.782	5,4	7.350	4,7	7,7	128.275	10,9	5,7
1961	687	- 16,3	6.782	0,0	7.269	- 1,1	6,7	134.000	4,5	5,4
1962	546	12,1	7.168	5,7	7.714	6,1	7,1	141.500	5,6	5,5
1963	584	7,0	7.593	5,9	8.177	6,0	7,1	154.608	9,3	5,3
1964	717	22,8	7.594	- 2,6	8.111	- 0,8	8,8	172.500	11,6	4,7
1965	840	17,2	8.548	19,6	9.388	15,7	8,9	187.010	8,4	5,0
1966	874	4,0	9.035	5,7	9.909	9,5	8,8	204.000	9,1	4,9
1967	849	- 2,9	9.125	1,0	9.972	0,6	8,5	215.094	5,4	4,6
1968	994	17,1	9.237	1,2	10.231	2,6	9,7	239.688	11,4	4,3
1969	1.182	18,9	10.215	10,6	11.397	11,4	10,4	273.595	14,1	4,2
1970	1.278	8,1	11.341	11,0	12.619	10,7	10,1	313.860	14,7	4,0
1971	1.415	10,6	10.864	- 4,2	12.277	- 2,7	11,5	350.425	11,7	3,5
1972	1.620	14,6	12.577	13,9	13.987	14,0	11,6	415.595	18,6	3,4
1973	2.320	49,2	18.946	53,1	21.266	51,9	10,9	575.850	38,6	3,7
1974	3.934	68,7	29.720	56,9	33.658	58,3	11,7	840.779	46,0	4,0
1975	4.009	1,8	25.997	- 12,5	30.006	- 10,9	13,4	873.770	3,9	3,4
1976	4.657	16,2	30.014	19,5	34.671	15,5	13,4	990.589	13,4	3,5
1977	5.745	23,4	35.050	16,8	40.795	17,7	14,1	1.127.247	13,8	3,6
1978	5.908	2,8	39.087	11,5	44.995	10,3	13,1	1.301.680	15,5	3,5
1979	8.728	47,7	51.572	31,9	60.500	34,0	14,5	1.627.030	23,0	3,7
1980	10.827	25,2	67.203	30,3	78.130	29,6	14,0	2.009.500	23,5	3,9

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos, com base nos dados fornecidos pelos países-membros, colunas 1, 3 e 5, período 1961-1980, e FMI. Direction of Trade Statistics, diversos números, para o resto da informação em valores absolutos.

(a): Dado interpolado

- 12 -

QUADRO No. 2

IMPORTAÇÕES REGIONAIS E MUNDIAIS, 1952-1980

ANO	IMPORTAÇÕES REGIONAIS				IMPORTAÇÕES MUNDIAIS				
	INTRA-REGIONAIS		DO RESTO DO MUNDO		GLOBAIS		INTRA-REGIONAIS		IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (10) = (5)/(8)
	Milhões de dólares (1)	Taxa de crescimento (%) (2)	Milhões de dólares (3)	Taxa de crescimento (%) (4)	Milhões de dólares (5)	Taxa de crescimento (%) (6)	Milhões de dólares (7) = (1)/(5)		
1952	298	-	5.264	-	5.862	-	10,2	87.100	6,7
1953	674	12,7	4.442	- 15,6	5.116	- 12,7	13,2	84.400	6,1
1954	691	2,5	5.131	19,5	5.822	13,8	11,9	88.500	6,6
1955	740	7,1	5.216	1,7	5.956	2,3	12,4	97.462	6,1
1956	652	- 11,9	5.575	6,9	6.227	4,6	10,5	108.700	5,7
1957	727	11,5	6.649	19,5	7.376	18,5	9,9	119.900	6,2
1958	690	- 5,1	5.912	- 11,1	6.602	- 10,5	10,5	114.360	5,8
1959	631 (a)	- 8,6	5.615 (a)	- 5,1	6.244	- 5,4	10,1 (a)	121.400	5,1
1960	656	4,0	6.138	9,4	6.794	8,8	9,7	135.133	5,0
1961	585	- 10,8	6.617	7,8	7.202	6,0	8,1	141.000	5,1
1962	639	9,2	6.453	- 2,5	7.092	- 1,5	9,0	149.800	4,7
1963	700	9,5	6.014	- 6,8	6.714	- 5,3	10,4	163.132	4,1
1964	842	20,3	6.524	8,5	7.366	9,7	11,4	182.000	4,0
1965	986	17,1	6.619	1,5	7.605	3,2	13,0	197.493	3,9
1966	985	- 0,1	7.361	11,2	8.346	9,7	11,8	215.900	3,9
1967	1.008	2,3	7.722	4,9	8.730	4,6	11,5	227.332	3,8
1968	1.062	5,4	8.500	10,1	9.562	9,5	11,1	252.606	3,7
1969	1.201	22,5	9.248	8,8	10.349	10,3	12,3	286.915	3,7
1970	1.334	11,1	10.702	15,7	12.056	15,5	11,2	328.723	3,7
1971	1.485	9,7	12.096	13,0	13.581	12,6	10,9	365.888	3,6
1972	1.644	12,1	13.814	14,2	15.478	14,0	10,8	430.263	3,5
1973	2.512	38,9	18.138	31,3	20.430	32,1	11,3	591.554	4,1
1974	3.930	70,0	30.991	70,9	34.921	70,8	11,3	854.522	4,2
1975	4.006	1,9	33.620	8,5	37.626	7,7	10,6	902.998	3,7
1976	4.641	15,9	32.553	- 3,2	37.194	- 1,1	12,5	1.016.939	3,7
1977	5.793	24,8	37.299	14,6	43.092	15,9	13,4	1.162.998	3,7
1978	5.772	- 0,4	43.635	17,0	49.407	14,7	11,7	1.352.992	3,7
1979	8.439	46,2	54.999	26,0	63.438	28,4	13,3	1.579.225	3,8
1980	10.464	24,0	73.409	33,5	83.873	32,2	12,2	2.068.700	4,1

Fonte: ALADI, Secretaría-General, Unidade de Informação e Estudos, com base nos dados fornecidos pelos países-membros, colunas 1, 3 e 5, período 1961-1980, e FMI, Direction of Trade Statistics, diversos números, para o resto da informação em valores absolutos.

(a): Dado interpolado

QUADRO No. 3

EXPORTAÇÕES REGIONAIS E MUNDIAIS SEM COMBUSTÍVEIS (a), 1962-1980
(Milhões de dólares)

ANO	EXPORTAÇÕES REGIONAIS						EXPORTAÇÕES MUNDIAIS			EXPORTAÇÕES REGIONAIS		
	INTRA-REGIONAIS		AO RESTO DO MUNDO		GLOBAIS		INTRA-REGIONAIS			EXPORTAÇÕES MUNDIAIS		
	Milhões de dólares (1)	Taxa de crescimento (2)	Milhões de dólares (3)	Taxa de crescimento (4)	Milhões de dólares (5)	Taxa de crescimento (6)	GLOBAIS (7) = (1)/(5)			Milhões de dólares (8)	Taxa de crescimento (9)	(10) = (9)/(8)
1962	364	-	4.829	-	3.193	-	-	-	7,0	-	-	-
1963	452	24,2	5.164	6,9	5.616	8,1	8,1	8,0	8,0	-	-	-
1964	594	31,4	5.516	6,8	6.110	8,8	8,8	8,7	8,7	-	-	-
1965	676	13,8	5.892	6,8	6.568	7,5	7,5	10,3	10,3	-	-	-
1966	719	6,4	6.388	8,4	7.107	8,2	8,2	10,1	10,1	-	-	-
1967	706	- 1,8	6.223	- 2,6	6.929	- 2,5	10,2	10,2	10,2	196.237	-	3,5
1968	835	18,0	6.391	2,7	7.224	4,5	11,5	11,5	11,5	-	-	-
1969	992	19,1	7.375	15,4	8.367	15,8	11,9	11,9	11,9	249.115	-	3,4
1970	1.120	12,9	8.443	14,5	9.563	14,3	11,7	11,7	11,7	285.281	14,5	3,4
1971	1.258	12,3	8.003	- 5,2	9.261	- 3,2	13,6	13,6	13,6	314.263	10,2	2,9
1972	1.466	16,5	9.605	20,0	11.071	19,5	13,2	13,2	13,2	373.532	18,9	3,0
1973	1.984	35,3	14.463	50,6	16.447	48,6	12,1	12,1	12,1	512.999	37,2	3,2
1974	3.161	59,3	18.372	28,4	21.723	32,1	14,5	14,5	14,5	667.855	30,3	3,3
1975	3.270	3,4	16.717	- 10,0	19.987	- 8,0	16,4	16,4	16,4	704.262	5,5	2,8
1976	3.636	11,2	20.305	21,5	23.941	19,8	15,2	15,2	15,2	791.134	12,3	3,0
1977	4.592	26,5	24.764	22,0	29.356	22,6	15,6	15,6	15,6	906.451	14,6	3,2
1978	5.109	11,3	27.969	12,9	33.078	12,7	15,4	15,4	15,4	1.079.193	19,1	3,1
1979	6.351	24,3	25.940	- 7,4	40.588	22,7	15,6	15,6	15,6	1.294.345	19,9	3,1
1980	8.771	38,1	38.669	49,2	47.440	16,9	18,5	18,5	18,5	-	-	-

Fonte: Exportações regionais: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos.
Exportações mundiais: U.N. Yearbook of International Trade Statistics, anos 1974, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979 e Handbook of International Trade and Development Statistics, anos 1977 e 1978, UNCTAD

(a): Combustíveis: Grupo 3 da CUCI - 2.

- 14 -
QUADRO No. 4

IMPORTAÇÕES REGIONAIS E MUNDIAIS SEM COMBUSTÍVEIS (a), 1962-1980
(Milhões de dólares)

ANO	IMPORTAÇÕES REGIONAIS				IMPORTAÇÕES MUNDIAIS		IMPORTAÇÕES REGIONAIS	
	INTRA-REGIONAIS	DO RESTO DO MUNDO	GLORIAS	GLORIAS	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7) = (1)/(5)	(8)	(9)
Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)	(7) = (1)/(5)	Milhões de dólares	Taxa de crescimento (%)
(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)	(17)	(18)
1962	447	-	6.170	-	6.617	6,8	-	-
1963	528	18,1	5.718	7,3	6.246	8,5	-	-
1964	692	31,1	6.199	8,4	6.891	10,0	-	-
1965	810	17,1	6.294	1,5	7.104	11,4	-	-
1966	832	2,7	6.966	10,7	7.798	9,8	-	-
1967	839	0,8	7.313	5,0	8.152	10,5	-	-
1968	912	8,7	8.058	10,2	8.970	10,2	205.669	4,0
1969	1.132	24,1	8.788	9,1	9.920	11,4	258.763	3,8
1970	1.207	6,6	10.146	15,5	11.353	10,6	299.897	3,8
1971	1.297	6,1	11.353	11,9	12.640	10,0	324.302	9,6
1972	1.391	10,7	13.012	14,6	14.403	9,7	381.893	17,8
1973	2.081	43,9	16.686	28,2	18.687	10,7	518.385	35,8
1974	3.215	60,7	26.718	60,1	29.933	10,7	655.659	26,4
1975	3.189	- 0,8	29.119	9,0	32.308	9,9	708.064	8,0
1976	3.758	17,8	27.569	- 6,0	31.127	12,1	787.566	11,2
1977	4.670	24,3	31.889	16,5	36.559	12,8	909.083	15,4
1978	4.918	5,3	37.684	18,2	42.602	11,3	1.097.132	20,7
1979	6.023	22,5	31.847	- 15,5	32.931	11,4	1.296.637	18,2
1980	8.280	37,5	60.722	90,7	69.002	12,0	-	-

Fonte: Importações regionais: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos.

Importações mundiais: Yearbook of International Trade Statistics, anos 1974, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979, e Handbook of International Trade and Development Statistics, anos 1977 e 1979.

(a): Combustíveis: Grupo 3 da CUCI - 2.

89

//

- a) No quinquênio 1960-1965 o valor das exportações das economias desenvolvidas de mercado aumentou em 48.8% e o das exportações regionais aumentou em 27.9%. Dos 20.9 pontos de diferença, 14.4 pontos (68.9%) explicam-se por fatores de volume e 4.6 pontos (22.0%) por fatores de preço (1). Embora tanto os preços como as quantidades sejam fatores explicativos da perda de participação da região no comércio mundial durante estes cinco anos, o fator "quantidade" tem um peso muito maior.
- b) No quinquênio 1965-1970 as exportações dos países desenvolvidos incrementaram-se em 74.2% e as da região, em 34.4%. A perda de participação da região neste período é imputável inteiramente ao fator "quantidade", já que o valor unitário cresceu a uma taxa maior que a dos países desenvolvidos. Igual conclusão pôde tirar-se para o período 1970-1975.
- c) Durante o período 1975-1979 a região começou a ganhar participação no comércio mundial, após 25 anos de tendência decrescente. O comportamento do "quantum" de exportações foi excepcionalmente bom, pois superou os "quanta" dos demais grupos de países que aparecem no Quadro no. 6, e apesar do atraso no crescimento do valor unitário, conseguiu-se que a participação da região nas exportações mundiais aumentasse.

Não cabe dentro dos objetivos deste estudo saber por que o volume das exportações regionais teve um comportamento tão lento até 1975. O notável é que as exportações da região tenham crescido tão lentamente em um período em que o comércio mundial cresceu a taxas reais de 8% por ano (segundo o artigo mencionado de Lewis) e se tenham acelerado precisamente quando o crescimento do comércio mundial diminuiu a taxas de 4% anual. Tudo isto parece indicar que a procura externa, embora sendo sempre uma limitação potencial, não pode considerar-se como a restrição efetiva ao crescimento das exportações regionais em nível geral - embora possa ter sido efetiva para produtos particulares- no período considerado. Durante dois décadas de rápido crescimento do comércio mundial, as exportações regionais cresceram lentamente. Por volta da segunda metade dos anos 70, quando o comércio mundial se desacelerou, as exportações da região começaram a crescer rapidamente.

Nas condições em que começa a década de 80, quando a conta "serviços" no balanço de pagamentos da maioria dos países da região apresenta saldos altamente negativos, e em que se espera uma desaceleração do fluxo líquido de capitais, é de particular importância assegurar uma maior participação da região nas exportações mundiais de bens. Isso dependerá em boa medida do êxito que tenha a região em incrementar os volumes exportados, já que o comportamento dos preços não foi a longo prazo, pelo menos até 1980, o fator responsável pela baixa participação da região no valor do comércio mundial.

(1) 9.1% restante explica-se pelo efeito combinado da variação na quantidade e no preço.

QUADRO No. 5

TAXAS ANUAIS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO DOS VALORES DO
COMÉRCIO REGIONAL E MUNDIAL, 1952-1980

(Percentagens)

PERÍODO	COMÉRCIO REGIONAL			COMÉRCIO MUNDIAL
	Intra-regional	Resto do Mundo	Global	
EXPORTAÇÃO				
1952-1955	8,4	4,0	4,6	4,9
1955-1960	- 3,5	2,8	2,2	6,6
1960-1965	8,1	4,7	5,0	7,8
1965-1970	8,8	5,8	6,1	10,9
1970-1975	25,7	18,0	18,9	22,7
1975-1980	22,2	20,9	21,1	18,1
IMPORTAÇÃO				
1952-1955	7,4	- 1,3	0,5	3,8
1955-1960	- 2,4	- 3,3	2,7	6,8
1960-1965	8,5	1,5	2,3	7,9
1965-1970	6,5	10,1	9,7	10,7
1970-1975	24,2	25,7	25,6	22,4
1975-1980	21,2	16,9	17,4	18,0

Fonte: Calculado com base nos Quadros no. 1 e no. 2.

QUADRO No. 6

ÍNDICES DE QUANTUM E DE VALOR UNITÁRIO: VARIACÕES QUINZENAIS 1960-1979
PARA AS EXPORTAÇÕES REGIONAIS E MUNDIAIS

(Porcentagens)

	VARIACÃO QUINZENAL PERCENTUAL			
	1960-1965	1965-1970	1970-1975	1975-1979
<u>Quantum</u>				
Países desenvolvidos a)	42.4	57.5	35.1	32.1
Países exportadores de petróleo a)	45.6	58.2	- 5.7	16.0
Países em desenvolvimento, não exportadores de petróleo a)	26.1	26.9	25.0	48.0
América Latina b)	27.9	18.1	10.7	43.8
Região b)	28.0	19.5	- 3.3	57.8
<u>Valor unitário</u>				
Países desenvolvidos a)	4.5	10.6	92.3	41.0
Países exportadores de petróleo a)	- 5.9	0.0	525.0	66.0
Países em desenvolvimento, não exportadores de petróleo a)	2.4	19.0	100.0	39.0
América Latina b)	0.7	12.7	125.6	57.1
Região b)	- 0.1	12.5	145.9	27.4

Fonte: Calculado com base em:

a) UNCTAD. Handbook of International Trade and Development Statistics, Supplement, 1981.

b) CEPAL. Anuário Estatístico da América Latina 1980 e cifras de comércio exterior fornecidas pelos países da região.

//

II. COMÉRCIO INTRA-REGIONAL NO CONTEXTO DO COMÉRCIO GLOBAL DA REGIÃO, 1952-1980

Para ter uma adequada visão do desempenho do comércio regional, no capítulo anterior confrontou-se sua evolução com a do comércio mundial. Em forma similar, para realizar uma avaliação do desempenho do comércio intra-regional, seu desenvolvimento deve ser comparado com o do comércio global da região.

Em geral, durante as três décadas passadas o comércio intra-regional tendeu a mover-se no mesmo sentido que o comércio global da região, ou seja, aumentou ou diminuiu com este. Entretanto, o ritmo de mudança foi maior para o comércio intra-regional: tendeu a crescer mais rápido que o comércio global em épocas de expansão e a diminuir mais rapidamente em épocas de contração. A elasticidade estimada das exportações para a região frente às exportações para terceiros países é 1.22 em média durante o período em questão.

Em quatro dos nove anos compreendidos entre 1952 e 1961, o valor das exportações regionais para o mundo diminuiu em termos absolutos. Durante este período as exportações para a mesma região perderam participação nas exportações globais dos onze países, desde um nível de 10.7% em 1953 até um nível de 6.7% em 1961 (ver Quadro no. 1, coluna 7). Em forma similar, a participação das importações da região nas importações globais diminuiu de 13.2% em 1953 a 8.1% em 1961 (ver Quadro no. 2, coluna 7). A década de 50 foi um período de desintegração relativa, induzida por quedas nas exportações regionais durante a segunda metade desta década.

A partir de 1962 o crescimento das exportações regionais foi mais estável e precisamente a partir desse ano a tendência decrescente da participação do comércio intra-regional no global começou a mudar no sentido oposto. Entre 1961 e 1970, as exportações para a região passaram de 6.7% a 10.0% das totais e as importações da região, de 8.1% a 11.2% das importações totais.

É interessante notar a coincidência de três fatos no ano de 1962: o crescimento das exportações da região torna-se mais estável, o comércio intra-regional começa novamente a ganhar peso dentro do comércio total, e começam a operar na prática os mecanismos preferenciais da ALALC, estabelecidos pelo Tratado de Montevideu em 1960.

O incremento relativamente rápido do comércio intra-regional na década de 60 provavelmente explica-se em boa parte pelos mecanismos preferenciais, cuja colocação em vigor foi facilitada pelo fato de que o início da ALALC coincidiu com um período de crescimento mais estável das exportações regionais, o que sem dúvida ajudou o processo de abertura de mercados para os sócios da região.

Durante a década passada o comércio intra-regional continuou incrementando sua participação no comércio global. As exportações para a região passaram de 10.1% a 14.0% entre 1970 e 1980 e as importações da região representaram 11.2% das to

//

//

tais em 1970 e 12.2% em 1980. Esta maior participação da região em seu próprio comércio global não é imputável ao aumento relativo dos preços dos combustíveis durante o decênio, tal como se aprecia no Quadro no. 11. De fato, a participação da região no comércio de produtos diferentes de petróleo e combustíveis foi muito mais elevada. As exportações para a região de produtos diferentes de combustíveis representaram 11.7% das exportações totais destes produtos em 1970 e 18.5% em 1980 (ver Quadro no. 3). As percentagens respectivas de participação das importações da região foram 10.6% em 1970 e 12.0% em 1980 (ver Quadro no. 4).

É importante assinalar que a conjuntura externa no momento em que entra em vigor o Tratado de Montevidéu 1980 é oposta à conjuntura em começo da ALALC. Com efeito, nos anos imediatamente anteriores à ALALC, a região esteve experimentando uma queda contínua de seu comércio exterior e uma contração proporcionalmente maior do comércio intra-regional. Estas condições variaram substancialmente a partir de 1962, ano em que o comércio exterior global da região começou a crescer a taxas relativamente elevadas - embora inferiores às do comércio mundial - e o comércio intra-regional encontrou um ambiente propício para expandir-se a taxas maiores que o comércio global. Pelo contrário, a situação para 1982 é completamente diferente. A região acaba de atravessar uma etapa de florescimento em seu comércio internacional, sobretudo depois de 1975, que permitiu um crescimento proporcionalmente maior do comércio intra-regional. Em 1982, quando começam a entrar em vigor os mecanismos do Tratado de Montevidéu 1980, esta situação começa a mudar drasticamente: o mundo entra em um período de recessão e o comércio internacional estanca-se. A Secretaria do GATT considera que o volume das exportações mundiais cresceu 5.5% em 1978, 5.5% em 1979, 1.5% em 1980 e 0 em 1981 (1).

Perante a expectativa de que o comércio intra-regional perca dinamismo nos próximos anos, manter e incrementar correntes comerciais já criadas requererá uma consciência muito clara sobre os efeitos das políticas que se adotarem e de um intenso esforço de negociação e cooperação entre os países-membros.

(1) GATT, Press Release, 27 de agosto de 1982, pág. 4.

III. DESVIO DE COMÉRCIO: 1961-1980

No capítulo anterior comparou-se a evolução do comércio intra-regional com a do comércio global dos países da região e viu-se como, a partir de 1962, o intercâmbio intra-regional começou a ganhar continuamente participação no comércio regional. Isto sugere que após a criação da ALALC, mediante o Tratado de Montevideo de 1960, começou a ocorrer o fenômeno que na teoria das uniões aduaneiras denomina-se "desvio de comércio". O objetivo deste capítulo é analisar este processo em alguns detalhes.

Ao finalizar a década de 70, a região tinha alcançado uma participação mais elevada que em 1960 nas importações e exportações totais não somente do conjunto dos onze países mas também de cada um deles separadamente.

A seguir tabula-se a participação da região nas importações de cada um dos onze países em 1961 e em 1980:

	<u>1961</u>	<u>1980</u>		<u>1961</u>	<u>1980</u>
Paraguai	27%	48%	Peru	7%	15%
Uruguai	22%	36%	Brasil	10%	12%
Bolívia	15%	28%	Equador	4%	12%
Chile	17%	27%	Venezuela	2%	7%
Argentina	13%	20%	México	1%	4%
Colômbia	2%	15%	Média	8%	12%

Embora em 1980 a percentagem das importações adquirida na região flutuasse amplamente de 4 por cento a 48 por cento, esta percentagem foi mais alta para todos os países do que em 1961. Um fenômeno similar observa-se com as exportações. A participação da região como destino das exportações de cada um dos onze países em 1961 e em 1980 foi:

	<u>1961</u>	<u>1980</u>		<u>1961</u>	<u>1980</u>
Paraguai	32%	46%	Brasil	7%	17%
Uruguai	3%	37%	Peru	7%	17%
Bolívia	7%	37%	Colômbia	2%	14%
Chile	7%	24%	Venezuela	7%	8%
Argentina	12%	23%	México	2%	4%
Equador	8%	18%	Média	7%	14%

O nível de participação da região nas exportações dos países é amplo, 4 por cento a 46 por cento, embora em forma geral a participação tenha sido maior em 1980 que em 1961 em todos os casos.

A maior participação que foi adquirindo a região dentro do comércio de todos e cada um dos países parece indicar que o desvio de comércio foi um fenômeno generalizado dentro da ALALC.

//

//

A partir do aparecimento da obra pioneira de Jacob Viner sobre uniões aduaneiras (1) denomina-se "desvio de comércio" o fato de que importações que antes eram feitas de países não sócios sejam substituídas por importações de um membro da união aduaneira como efeito dos esquemas preferenciais de comércio.

A estimativa direta da magnitude do desvio de comércio em uma união aduaneira requer reunir uma boa quantidade de informações, pelo qual na prática é preferível realizar a medição em forma indireta, a partir de hipóteses razoáveis. Em geral, a hipótese utilizada neste tipo de estudos é a de "participações iguais", que em sua forma mais simples consiste em supor que o crescimento das importações de um país com os sócios da união acima da taxa média de crescimento de suas importações totais obedece aos mecanismos preferenciais e representa, portanto, desvio de comércio (2).

A seguir analisa-se o crescimento do comércio intra-regional diante do crescimento do comércio global nas décadas de 60 e 70 para cada um dos países, a fim de tentar medir o volume de desvio de comércio imputável aos esquemas preferenciais pactuados na ALALC.

No Quadro no. 7 é feita uma estimativa do desvio de comércio na região nos períodos 1961-1970 e 1970-1980, comparando as importações dos anos extremos dos períodos tomados, ou seja, 1970 com 1961 e 1980 com 1970 (3). Nas colunas 11 e 12 do Quadro no. 7 considera-se o valor das importações da região que teriam ocorrido se estas tivessem crescido à mesma taxa que as importações totais. A diferença entre a cifra real de comércio e aquela estimada representa o valor teórico máximo do "desvio de comércio" (o desvio estimado deve considerar-se como um máximo, em virtude das características peculiares dos mecanismos do programa de liberação da ALALC, uma das quais consiste em que não se aplicou ao universo de produtos).

Considerando a média para os onze países da região até 61 por cento das importações adicionais realizadas da própria região entre 1961 e 1970 poderia ser atribuível a desvio de comércio, sendo que esta poderia representar somente até 15 por cento das importações adicionais entre 1970 e 1980 (4). Comparado o desvio de comércio com o comércio intra-regional total, sua magnitude estima-se em 34.9 por cento deste último em 1970 e 13.3 por cento em 1980. Deste modo, o peso rela

(1) Jacob Viner, The Customs Union Issue, New York, 1953.

(2) Se o crescimento não proporcional das importações dos sócios da união aduaneira se devesse à substituição de produção doméstica por importações da região, existiria criação de comércio. Entretanto, tendo em vista que as listas de comércio preferencial sob a ALALC continham produtos complementares e nunca ou quase nunca competitivos com as produções nacionais, pode-se afirmar que, sob a hipótese descrita, o crescimento não proporcional das importações representa quase em sua totalidade desvio de comércio.

(3) Isto significa que a análise revela o que estava acontecendo no final de cada período, mais do que o ocorrido através de todo o período.

(4) Se fossem excluídos os combustíveis, estas cifras somente variariam em parte: 7.9 por cento entre 1961 e 1970 e 13.3 por cento entre 1970 e 1980.

QUADRO No. 7

ALALC: DESVIO DE COMERCIO 1961-1970 e 1970-1980

EXPORTAÇÃO

PAIS	IMPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS		VARIACÃO		IMPORTAÇÕES GLOBAIS				IMPORTAÇÕES		DESVIO DE COMERCIO		VARIACÃO INTRA-REGIONAL		
	Milhões de dólares CIF		Milhões de dólares CIF		Índice de valores				Intra-regionais		em porcentagem da		VARIACÃO GLOBAIS		
	1961	1970	1970/1961	1980/1970	1961	1970	1980	Base: 1961 = 100	1970	1980	1970	1980	1961/1970	1970/1980	1970/1980
Argentina	196	376	+ 196	+ 1.764	1.460	1.695	10.341	116	622	237	2.326	167	188	111	76
Bolivia	12	233	+ 16	+ 205	78	159	10.451	208	524	24	236	25	84	42	20
Brazil	145	2.981	+ 165	+ 2.671	1.499	2.849	25.016	195	699	283	2.787	27	194	7	20
Colombia	12	697	+ 67	+ 610	537	843	4.683	151	531	18	177	61	260	42	12
Chile	40	1.266	+ 87	+ 1.198	588	931	5.124	76	530	168	1.058	28	352	29	10
Ecuador	35	266	+ 31	+ 231	106	274	2.253	238	832	40	285	25	22	18	29
México	5	674	+ 59	+ 640	1.138	2.461	17.793	116	723	11	465	31	199	33	4
Paraguay	17	298	+ 6	+ 281	41	79	615	153	820	20	159	1	57	18	24
Péru	35	382	+ 74	+ 273	409	622	2.574	133	414	63	451	64	69	25	14
Uruguay	27	382	+ 28	+ 307	209	235	1.604	111	628	52	316	23	64	15	48
Venezuela	17	827	+ 58	+ 792	1.097	1.914	12.260	174	641	30	481	45	346	16	37
TOTAL	385	10.464	+ 769	+ 9.140	7.202	12.096	83.875	167	696	682 (a)	9.069 (a)	472	1.994	61	16

EXPORTAÇÃO

PAIS	EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS		VARIACÃO		EXPORTAÇÕES GLOBAIS				EXPORTAÇÕES		DESVIO DE COMERCIO		VARIACÃO INTRA-REGIONAL		
	Milhões de dólares FOB		Milhões de dólares FOB		Índice de valores				Intra-regionais		em porcentagem da		VARIACÃO GLOBAIS		
	1961	1970	1970/1961	1980/1970	1961	1970	1980	Base: 1961 = 100	1970	1980	1970	1980	1961/1970	1970/1980	1970/1980
Argentina	112	366	+ 254	+ 1.641	944	1.779	8.021	184	452	206	1.624	160	193	11	24
Bolivia	9	379	+ 17	+ 397	76	229	1.011	70	111	75	99	7	280	78	44
Brazil	97	3.278	+ 206	+ 3.155	1.402	2.738	20.132	195	715	189	2.227	174	1.231	29	18
Colombia	7	351	+ 75	+ 449	154	736	3.945	170	546	12	160	70	24	23	15
Chile	38	1.108	+ 100	+ 968	508	1.234	6.073	143	360	92	584	46	182	16	28
Ecuador	9	448	+ 13	+ 428	87	190	2.481	218	206	15	242	3	54	13	4
México	31	596	+ 82	+ 503	645	1.179	16.259	172	1.242	19	1.196	74	560	50	19
Paraguay	30	181	+ 15	+ 116	31	64	310	206	484	21	121	2	20	17	4
Péru	37	374	+ 30	+ 311	494	1.048	3.509	21	316	70	199	7	379	27	23
Uruguay	6	393	+ 23	+ 344	175	235	1.044	133	435	8	122	2	265	72	25
Venezuela	161	1.534	+ 24	+ 1.697	2.415	3.198	18.553	133	580	216	795	77	639	49	8
TOTAL	487	10.937	+ 793	+ 9.649	7.269	12.619	78.130	174	619	861	2.911	417	3.016	31	15

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos.

//

tivo do comércio "desviado" de outros países para a região foi muito maior nos anos 60 que nos anos 70. Na década de 60, por cada dólar adicional de importações foram comprados 16 centavos na região, porém na década de 70 esta cifra desceu para 13 centavos.

Durante a década de 60 o comércio intra-regional cresceu a uma taxa aproximada de 8 por cento anual em média e o comércio global da região cresceu a uma taxa média aproximada de 6 por cento. (O comércio mundial cresceu a uma taxa aproximada de 9.5 por cento). Isto fez com que a participação da região nas importações globais dos onze países aumentasse de 8 centavos por dólar importado em 1961 a 11 centavos em 1970, e a participação das exportações intra-regionais nas globais dos onze países de 7 a 10 centavos por dólar exportado entre 1960 e 1970. Entretanto, a contribuição relativa dos países para o desvio de comércio ocorrido na década de 60 não foi uniforme.

Em 1961, seis países localizados no Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) estavam relativamente mais integrados com a região que os cinco restantes do Norte, no sentido de que a participação das importações da região em suas importações globais era superior à participação média para os onze países, que era de 8 por cento. A cifra para o Paraguai era 27 por cento, para o Uruguai 22 por cento, para o Chile 17 por cento, para a Bolívia 15 por cento, para a Argentina 13 por cento e para o Brasil 10 por cento. Abaixo da média estavam o México com 1 por cento, a Colômbia e a Venezuela com 2 por cento, o Peru com 7 por cento e o Equador com 4 por cento.

Dos seis países que estavam relativamente integrados com a região, três (Argentina, Paraguai e Uruguai) efetuaram um desvio grande de suas importações para a região na década de 60, e os cinco países do Norte contribuíram todos significativamente para desviar importações durante o mesmo período. Assim, grande parte do desvio de comércio da década de 60 deveu-se aos países inicialmente pouco integrados com a região (Colômbia, Equador, México, Peru e Venezuela), e a Argentina, Paraguai e Uruguai, que estavam relativamente mais integrados. A Bolívia e o Chile contribuíram positivamente para o desvio de comércio embora abaixo da média. Para o Brasil a participação da região nas importações diferentes de combustíveis manteve-se estável, ao redor de 10 por cento.

O desvio de comércio por país pode ver-se através da evolução do quociente importações intra-regionais/importações totais apresentada no Quadro no. 11 (esse quadro exclui combustíveis).

A participação da região nas importações de produtos diferentes de combustíveis passou, entre 1962 e 1970, de 8.1 por cento a 21.1 por cento na Argentina, de 17.1 por cento a 25.0 por cento no Paraguai, e de 19.6 por cento a 36.2 por cento no Uruguai. A Colômbia passou de 2.7 por cento a 9.2 por cento, o Equador de 4.2 por cento a 8.2 por cento, o México de 0.5 a 2.6 por cento, o Peru de 7.8 por cento a 16.8 por cento e a Venezuela de 1.8 por cento a 4.0 por cento. A Bolívia passou de 12.9 por cento a 16.6 por cento e o Chile de 16.1 por cento a 19.0 por cento. Tal como se indicou anteriormente, a participação do Brasil manteve-se estável, ao redor de 10 por cento.

Em geral, os países que mais desviaram suas importações para a região foram aqueles que puderam desviar mais suas exportações. Durante a década de 60, a participação da região nas exportações globais passou de 12 por cento a 21 por cento para a Argentina, de 3 por cento a 12 por cento para o Uruguai, de 2 por cento a 11 por cento para a Colômbia e de 2 por cento a 8 por cento para o México. Este padrão de comportamento sugere que o desvio de comércio durante os anos 60 ocorreu através dos efeitos bilaterais das listas negociadas mais do que através de efeitos multilaterais propriamente ditos.

vf

//

QUADRO No. 8

PARTICIPAÇÃO DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL
GLOBALMENTE POR PAÍS, 1961-1970-1980

PARTICIPAÇÃO DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL NO COMÉRCIO GLOBAL (%)					
	1961	Adicional 1961-1970	1970	Adicional 1970-1980	1980
<u>Importação</u>					
Argentina	13.4	75.7	22.1	19.9	20.3
Bolívia	15.4	19.8	17.6	30.4	28.0
Brasil	9.9	11.9	10.9	11.7	11.6
Colômbia	2.2	23.4	9.4	16.2	14.9
Chile	17.2	25.4	20.2	28.6	27.0
Equador	3.8	18.5	12.8	11.7	11.8
México	0.4	4.5	2.6	4.0	3.8
Paraguai	26.8	17.6	22.7	52.0	48.5
Peru	7.5	48.4	17.5	14.0	14.8
Uruguai	22.5	116.6	32.2	26.0	36.3
Venezuela	1.5	7.1	3.9	7.3	6.7
Média região	8.1	15.8	11.2	12.7	12.5
<u>Exportação</u>					
Argentina	11.6	31.4	20.6	23.7	23.0
Bolívia	6.6	11.1	9.6	44.4	36.7
Brasil	6.9	15.4	11.1	18.1	17.2
Colômbia	1.6	24.8	11.1	14.6	14.0
Chile	7.5	13.8	11.2	28.0	23.6
Equador	8.0	12.6	10.5	18.7	18.1
México	1.6	16.7	7.9	3.7	4.1
Paraguai	32.3	45.5	39.0	47.2	45.5
Peru	6.7	5.4	6.0	22.6	17.3
Uruguai	3.4	39.7	12.4	44.1	37.1
Venezuela	6.7	- 3.1	4.3	8.4	7.7
Média região	6.7	14.8	10.1	14.7	14.0

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos. Departamento de Estudos Gerais.

//

Na década de 60, o Brasil e o Chile desviaram suas exportações em proporção similar à média da região. A participação da região nas exportações de ambos países aumentou de 7 por cento a 11 por cento durante o decênio.

A Bolívia e o Equador fizeram um desvio positivo de exportações para a região, embora inferior à média. A participação da região em suas exportações passou de 7 por cento a 10 por cento e de 8 por cento a 11 por cento, respectivamente, durante a década. Para o Peru e Venezuela o desvio foi negativo, já que a região perdeu participação como destino de suas exportações: no caso do Peru a percentagem diminuiu de 7 por cento para 6 por cento e no da Venezuela, de 7 por cento para 4 por cento.

Durante a década de 70 o desvio de importações em nível regional foi pouco significativo como média, embora em geral as importações crescessem bastante rapidamente: as importações dos onze países da região cresceram a uma taxa anual média de 22.5 por cento e suas importações globais cresceram a uma taxa de 22.0 por cento anual. A participação da região como origem das importações dos países passou de 11 por cento em 1970 a 12 por cento em 1980, de 10.6 por cento a 12 por cento, excluindo os combustíveis

Entretanto, houve diferenças no comportamento desta participação através dos países. Devido à distorção que introduzem os combustíveis ao comparar 1970 com 1980, é feita a comparação da participação da região nas importações nesses dois anos, excluindo combustíveis. Para nove dos países a participação aumentou em maior ou menor grau, e diminuiu para dois. A Bolívia passou de 16.6 por cento a 28.0 por cento, o Brasil, de 10.1 por cento a 14.1 por cento, a Colômbia, de 9.2 por cento a 12.4 por cento, o Chile, de 19.0 por cento a 22.3 por cento, o Equador, de 8.2 por cento a 11.3 por cento, o México, de 2.6 por cento a 3.8 por cento, o Paraguai, de 25.0 por cento a 44.7 por cento, o Uruguai, de 36.2 por cento a 41.3 por cento e a Venezuela, de 4.0 por cento a 6.8 por cento. A Argentina passou de 21.1 por cento a 18.6 por cento e o Peru, de 16.8 por cento a 14.7 por cento (Ver Quadro no. 11).

De maneira diferente ao caso das importações, no das exportações houve um incremento médio significativo na participação da região durante os anos 70, que cresceu de 10 por cento em 1970 a 14 por cento em 1980, e de 11.7 por cento a 18.5 por cento, sem combustíveis. Isto se explica porque os exportadores regionais souberam aproveitar o rápido crescimento das importações globais dos onze países, financiadas com crédito externo acima da expansão das exportações globais, cuja taxa de crescimento foi menor que das importações.

Os países que mais aproveitaram esta oportunidade para dirigir suas exportações para a região na década de 70 foram a Bolívia, Peru, Uruguai, Chile, Venezuela, Equador e Brasil, que estiveram acima da média. Estes países incrementaram a participação da região como destino de suas exportações entre 1970 e 1980 de 10 por cento a 37 por cento (Bolívia), de 6 por cento a 17 por cento (Peru), de 12 por cento a 37 por cento (Uruguai), de 11 por cento a 24 por cento (Chile), de 4 por cento a 8 por cento (Venezuela), de 11 por cento a 18 por cento (Equador) e de 11 por cento a 17 por cento (Brasil).

Para a Colômbia, Paraguai e Argentina a participação da região nas exportações totais de cada um destes países passou de 11 por cento a 14 por cento, de 39 por cento a 46 por cento e de 21 por cento a 23 por cento entre 1970 e 1980, respectivamente. Somente no caso do México a região perdeu participação dentro de suas exportações, a qual passou de 8 por cento em 1970 a 4 por cento em 1980. Isto se explica em boa base por suas exportações de petróleo, que em 1980 constituíram dois terços de suas exportações e dirigiram-se 98 por cento para fora da região.

A primeira vista parece paradoxal o fato de que, sem ter existido um desvio significativo das importações para a região na década de 70, a participação das exportações intra-regionais aumentasse de 10 por cento a 14 por cento durante a

//

década. Isto se deve a que, graças ao crédito externo, os países da região conseguiram aumentar suas importações globais de bens a taxas superiores às de suas exportações e os exportadores regionais conseguiram manter, e inclusive incrementar levemente, sua participação nestas importações crescentes, o que fez com que ganhassem participação nas exportações globais da região. Em outras palavras, o incremento da percentagem das exportações globais, cujo destino é a própria região na década de 70, não obedece ao desvio de comércio senão que é um resultado de dois fenômenos, um deles positivo e o outro, preocupante:

- a) Em primeiro lugar, reflete a capacidade dos exportadores regionais para manter e inclusive incrementar sua participação em uma elevada procura por importações na região.
- b) Mas também reflete o fato de que esta procura foi alimentada na década de 70 com crédito externo mais que com um crescimento igualmente acelerado das exportações globais da região.

Ao terem crescido as exportações para a própria região ao ritmo relativamente elevado das importações globais, e ao ter crescido as exportações globais a um ritmo menor que as importações globais -com o crédito externo cobrindo a "brecha"- as exportações para a região puderam incrementar sua participação nas exportações globais.

Efetivamente, as importações globais e as exportações para a região cresceram a taxas aproximadamente iguais (cerca de 22 por cento como média anual), sendo que as exportações globais cresceram a uma taxa anual média de 19 por cento entre 1970 e 1980. Na década de 60, exportações e importações globais cresceram a taxas aproximadamente iguais (6.2 por cento anual) e as exportações e importações intra-regionais a taxas iguais entre si e maiores que as globais (7.7 por cento) o que permite atribuir o aumento da participação do comércio intra-regional no comércio global dos onze países durante a década de 60 ao desvio de comércio. Na década de 70, entretanto, foi o crédito externo, mais que o desvio de comércio, o que alimentou -direta ou indiretamente- o rápido crescimento das exportações para a própria região, ao ter contribuído ou liberado recursos para financiar um rápido crescimento das importações.

Segundo o diagnóstico efetuado, quais são as expectativas para o desempenho do comércio intra-regional durante os próximos anos? Evidentemente, tendo em vista que a tendência das políticas econômicas para resolver os problemas financeiros pelos que atravessa atualmente a região deve conduzir a conter o crescimento das importações globais e a gerar excedentes significativos nas exportações para fora da região a fim de gerar recursos para amortizar e servir a dívida líquida da região com o resto do mundo, não é improvável que a importância relativa da região como destino de suas próprias exportações deixe de aumentar após ter passado de 7 por cento em 1960 a 14 por cento em 1980, o qual indica a necessidade de manter um permanente esforço de negociação e cooperação na ALADI a fim de contrarrestar as tendências que possam afetar o comércio intra-regional.

//

//

IV. COMÉRCIO DE PRODUTOS NEGOCIADOS

Na ALALC existiam basicamente três classes de listas de produtos sujeitos a um tratamento preferencial dentro da região: as listas nacionais, as listas de vantagens não-extensivas e os ajustes de complementação. O comércio de produtos incluídos em qualquer das três classes de listas se denomina "comércio negociado".

O fato mais saliente quando se examina a evolução do comércio negociado -independentemente de se este é imputável ou não às preferências- é sua progressiva perda de participação dentro do comércio intra-regional, o que confirma a conclusão alcançada atrás sobre a importância inicial do desvio de comércio e seu papel inferior na década de 70. No Quadro no. 9 observa-se que a percentagem das importações da região que se efetuou sob esquemas preferenciais desceu em forma contínua de 89 por cento em 1966, seu ponto máximo, até cerca de 40 por cento para finais da década de 70. Os mecanismos preferenciais foram perdendo importância relativa a medida que o comércio intra-regional aumentou nas duas passadas décadas. Isto depende em parte do maior peso que tiveram os combustíveis no valor das importações intra-regionais a partir de 1973, mas não depende exclusivamente desse fato. Já em 1972 as importações de produtos negociados somente constituíam 60 por cento das importações da própria região.

A participação dos produtos negociados nas importações da Zona chegou a ser bastante elevada entre 1962 e 1967 para a Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Peru e Uruguai, e chegou a superar 80 por cento em algum dos anos compreendidos neste período para todos estes países. Até fins da década de 70 a participação dos produtos importados sob esquemas preferenciais continuava sendo elevada no Brasil (cerca de 80 por cento) e havia diminuído notoriamente para os demais países acima mencionados: havia descido a 46 por cento na Argentina, 34 por cento na Colômbia, 15 por cento no Chile, 16 por cento no Equador, 50 por cento no México, 16 por cento no Peru e 28 por cento no Uruguai. Isto parece indicar que no Brasil, a diferença dos demais países, as importações mais dinâmicas continuaram sendo as de produtos submetidos a tratamento preferencial, ou que as concessões foram um fator importante para aceder ao mercado brasileiro.

Nos casos da Bolívia, Paraguai e Venezuela os produtos negociados sempre tiveram uma participação minoritária dentro de suas importações da região. Na Bolívia esta participação desceu de 12 por cento em 1969 a 5 por cento em 1979; no Paraguai desceu de 35 por cento em 1967 e 1968 a 10 por cento em 1980; na Venezuela desceu de 34 por cento em 1968 a 12 por cento em 1980, o que faz com que estes três países se coloquem dentro da tendência geral de perda de participação do comércio preferencial em suas importações.

O comportamento do comércio realizado sob esquemas preferenciais através dos 20 anos de vigência da ALALC sugere uma hipótese sobre o papel que desempenham os esquemas preferenciais na geração do comércio entre os países em desenvolvi-

//

QUADRO No. 9

ESTRUTURA PERCENTUAL DAS IMPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS DOS PAÍSES-MEMBROS POR TIPO DE COMÉRCIO

ANO	REG. (O) N.º	INTRA-REGIONAL	ARGENTINA		BOLÍVIA		BRASIL		COLOMBIA		CHILE		ECUADOR		MÉXICO		PARAGUAI		PERU		URUGUAI		VENEZUELA		
			REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	REC. N.º	TOTAL	
1962	78	22	405	79	21	103	-	87	15	129	71	29	7	67	33	6	33	67	6	79	21	42	74	24	34
1963	85	15	507	91	9	122	-	90	10	144	90	10	21	78	22	11	22	78	9	87	13	64	72	26	32
1964	69	11	644	92	6	171	-	96	6	168	94	6	33	90	10	17	23	73	11	61	19	59	65	35	44
1965	88	12	772	91	9	256	-	94	4	190	92	8	39	93	7	30	15	85	15	78	22	81	69	31	32
1966	69	11	798	93	5	220	-	97	3	167	83	12	56	86	14	34	29	71	14	80	20	92	80	20	46
1967	87	13	775	93	7	212	-	96	6	171	84	16	32	84	16	38	31	69	17	79	21	103	73	21	44
1968	70	30	1.062	76	24	275	11	72	28	277	83	17	48	71	29	40	43	65	17	75	25	96	84	40	42
1969	69	31	1.301	78	22	346	12	88	26	292	65	35	74	64	36	30	32	68	19	75	25	106	71	29	56
1970	69	31	1.354	80	20	374	11	89	28	310	78	22	78	64	36	43	29	71	17	81	17	109	63	34	75
1971	65	35	1.485	79	22	390	7	93	40	353	76	24	95	60	40	50	29	71	21	63	37	108	63	37	70
1972	60	40	1.884	76	24	375	6	94	34	392	74	26	87	55	45	49	44	78	25	46	34	122	60	40	70
1973	54	46	2.312	76	24	536	9	91	66	605	65	35	119	62	58	50	50	71	21	60	40	122	60	40	70
1974	54	51	3.830	76	24	789	6	94	139	65	52	48	148	64	66	625	51	68	90	40	60	173	51	49	122
1975	39	61	5.006	66	34	940	6	94	175	69	51	775	50	161	18	82	118	17	83	100	30	254	49	51	166
1976	43	57	4.641	54	46	813	8	92	206	84	78	1.282	47	53	209	24	76	81	17	9	91	42	58	193	
1977	40	60	5.793	57	43	984	6	94	190	80	80	1.301	35	65	335	19	81	80	20	6	94	42	58	193	
1978	43	57	5.772	63	37	832	7	93	184	81	79	1.570	31	69	476	15	85	84	143	18	82	36	64	288	
1979	-	-	8.439	60	40	1.432	5	95	237	78	22	2.463	34	64	990	-	85	143	18	18	82	261	29	71	514
1980	-	-	10.464	46	54	2.138	-	233	-	2.981	34	66	697	-	84	246	10	90	240	16	84	382	48	72	562

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos.

(*) : Negociado.

(**) : Não negociado.

//

mento. Inicialmente as preferências, tanto tarifárias como não-tarifárias, são importantes para romper certas barreiras (elevados custos por tonelada comercializada) que se originam na carência absoluta ou deficiências da infra-estrutura necessária para o comércio intra-regional.

Em outros estudos identificaram-se principalmente três grandes barreiras iniciais ao comércio Sul-Sul: i) Os custos de transporte; ii) As comunicações; e iii) A falta de canais de comércio (importadores atacadistas, etc.) (1). Uma vez que, graças aos esquemas preferenciais, aumenta o volume de comércio, os custos unitários de transporte e comunicações, bem como a escassez de canais de comércio, tendem a diminuir para todos os produtos comercializados, e não apenas para os comercializados preferencialmente, razão pela qual aumentam as correntes comerciais sem que isso implique necessariamente que se tenha que estender o comércio preferencial.

Se é certa esta hipótese, sua formulação no esquema acarretaria que a gradual perda de importância dos mecanismos preferenciais dentro do comércio intra-regional poderia tomar-se como um sinal de seu êxito e não de seu fracasso. Efectivamente, na medida em que as preferências iniciais chegaram a romper certas barreiras ao comércio intra-regional (custos unitários de transporte e comunicações, falta de canais de comércio), o comércio continuou crescendo apesar de que praticamente a outorga de concessões retrocedeu -por modificações das margens pactuadas- que avançou -por novas concessões- na década de 70 (2).

A implicação disto para a ALADI é clara. Seria importante tratar de identificar aquelas áreas nas quais um comércio potencialmente elevado não pôde desenvolver-se ainda por falta de infra-estrutura adequada para o intercâmbio intra-regional, e promover acordos preferenciais dentro de tais áreas com a certeza de que os benefícios do novo comércio expandir-se-ão além das áreas negociadas. No programa de trabalhos da Secretaria para 1983 inclui-se um estudo que tratará de chegar a identificar as oportunidades de intercâmbio para produtos de comércio potencialmente elevado.

(1) Sobre este ponto veja-se, por exemplo, Oli Havrylyshyn y Martin Wolf, Trade Among Developing Countries: Theory, Policy Issues, and Principal Trends, World Bank Staff Working Paper no. 479, August 1981, p. 13.

(2) A modificação das margens de preferência pactuadas na ALALC e a estagnação no avanço de novas concessões durante a década de 70 são analisadas no documento CEP/SEM.I/dt 1 da Secretaria da ALALC, 24 de maio de 1979, p. 16-18.

//

V. GEOGRAFIA DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL

Do ponto de vista geográfico, a estrutura do comércio intra-regional pode ser vista de duas formas diferentes:

- a) A participação da região nas exportações e importações de cada país; e
- b) A participação de cada país no total das exportações e importações regionais e intra-regionais.

A análise do primeiro ponto foi feita nos capítulos anteriores, como parte obrigatória do tema do desvio de comércio, e sobre ele apenas será feito um breve resumo nesta sessão, tratando de fazer algumas generalizações.

Em primeiro lugar, deve ressaltar-se que a região tem uma participação relativamente elevada como fonte das importações e destino para as exportações de dois dos países que o Tratado de Montevidéu 1980 (ALADI/CM/Resolução 6) denomina "de menor desenvolvimento econômico relativo" (Bolívia e Paraguai) e do Uruguai.

Em 1980, 46 por cento das exportações paraguaias teve como destino a região e esta foi a origem de 48 por cento de suas importações. Em 1962, as percentagens respectivas eram de 30 por cento e 19.5 por cento (Ver Quadro no. 10).

Em 1962, apenas 5 por cento das exportações uruguaias foi dirigido para a região. Esta cifra tinha subido a 37 por cento em 1980, no entanto a participação da região em suas importações subiu de 19.6 por cento a 36 por cento entre os mesmos anos (Ver Quadro no. 10).

A Bolívia destinou 37 por cento de suas exportações a países da região em 1980, e deles adquiriu 28 por cento de suas importações. As percentagens respectivas, em 1962, eram de 3.9 por cento e 15.5 por cento.

Portanto, de forma geral são os países com um mercado interno relativamente pequeno os mais integrados com a região, no sentido de que são os que em maior grau dependem dela para suas exportações e importações. No entanto, se se considera que na ordem descendente quanto ao nível de integração com a região, seguem o Chile e a Argentina, países localizados no Sul como os três anteriores, conclui-se que um dos fatores que influenciou para que o intercâmbio regional tenha sido mais intenso nestes cinco países foi a localização geográfica e espacial, ou seja, a relativa aproximação destes países entre si e quanto ao Brasil.

Em 1980, o Chile colocou na região 24 por cento de suas exportações e realizou nela 27 por cento de suas importações; as cifras respectivas para Argentina foram de 23 por cento e 20 por cento.

A importância da região no comércio exterior do Brasil, Colômbia, Equador e Peru estava um pouco acima da média regional em 1980. O Brasil colocou 17 por cento de suas exportações na região e nela realizou 12 por cento de suas importações; o Peru, 17 por cento e 15 por cento, respectivamente; a Colômbia, 14 por cento e 15 por cento; e o Equador, 18 por cento e 12 por cento (Ver Quadro no. 10).

//

QUADRO No. 10

PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES DA REGIÃO NO COMÉRCIO: 1962, 1970 e 1980

(Porcentagens)

	1962						1970						1980							
	INTRA-REGIONAL		GLOBAL		INTRA-REGIONAL		GLOBAL		INTRA-REGIONAL		GLOBAL		INTRA-REGIONAL		GLOBAL		INTRA-REGIONAL		GLOBAL	
	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL	RESTO DO MUNDO	GLOBAL
EXPORTAÇÃO	(a)	(b)																		
Argentina	28.4	41.0	14.8	15.8	12.7	26.6	12.4	14.1	20.6	16.9	9.2	10.3	23.0							
Bolívia	0.5	-	1.0	1.0	3.9	1.7	1.8	1.8	9.6	3.5	1.0	1.3	36.7							
Brasil	13.7	22.0	15.9	15.7	6.2	23.8	21.5	21.7	11.1	31.7	24.8	25.8	17.2							
Colômbia	1.6	2.0	6.3	6.0	1.9	6.6	5.7	5.8	11.4	5.0	5.1	5.0	14.0							
Chile	7.9	11.0	6.8	6.9	8.1	10.6	9.7	9.8	11.0	10.1	5.3	6.0	23.6							
Equador	1.1	-	1.5	1.5	5.1	1.6	1.5	1.5	11.1	4.1	3.0	3.2	18.1							
México	4.0	5.0	10.5	10.0	2.8	7.3	9.5	9.3	7.9	5.4	20.8	18.7	4.1							
Paraguai	2.0	3.0	0.3	0.4	33.3	2.0	0.3	0.5	39.1	1.3	0.3	0.4	45.5							
Peru	9.2	14.0	6.9	7.0	9.2	4.9	8.7	8.3	6.0	5.2	4.1	4.2	17.3							
Uruguai	1.5	2.0	2.0	2.0	5.2	2.2	1.5	1.8	12.0	2.6	1.0	1.4	37.2							
Venezuela	30.1	-	33.9	33.6	6.3	10.6	27.0	25.3	4.3	13.1	25.5	23.7	7.7							
Região	100.0	100.0	100.0	100.0	7.1	100.0	100.0	100.0	10.1	100.0	100.0	100.0	14.0							
IMPORTAÇÃO																				
Argentina	24.0	25.0	18.7	19.1	11.3	27.6	12.3	14.1	22.1	20.4	11.4	12.6	20.3							
Bolívia	2.5	-	1.3	1.4	15.5	2.0	1.2	1.3	17.0	2.2	0.8	1.0	28.0							
Brasil	37.2	32.0	19.2	20.8	16.2	22.8	23.7	23.6	10.8	28.5	30.8	30.5	11.6							
Colômbia	2.2	2.0	8.2	7.6	2.6	5.8	7.1	7.0	9.3	6.6	5.4	5.6	14.9							
Chile	14.2	19.0	6.5	7.2	17.8	14.0	6.9	7.7	20.3	13.3	5.1	6.1	27.1							
Equador	0.6	-	1.5	1.4	4.1	2.6	2.2	2.3	12.8	2.5	2.7	2.7	11.8							
México	0.9	2.0	17.6	16.1	0.5	4.8	22.4	20.4	2.6	6.4	23.3	21.2	3.8							
Paraguai	1.2	2.0	0.5	0.6	19.5	1.3	0.5	0.6	22.7	2.8	0.4	0.7	48.3							
Peru	7.5	10.0	7.7	7.6	8.9	8.1	4.8	5.2	17.5	3.7	3.0	3.1	14.9							
Uruguai	7.0	8.0	2.9	3.2	19.6	5.5	1.5	1.9	32.2	5.6	1.4	1.9	36.3							
Venezuela	3.0	-	16.1	14.9	1.8	5.5	17.2	15.9	3.9	7.9	15.6	14.6	6.8							
Região	100.0	100.0	100.0	100.0	9.0	100.0	100.0	100.0	11.2	100.0	100.0	100.0	12.2							

Fonte: ALADI. Secretaris-Geral. Unidade de Informação e Estudos.

(a): Inclui a Bolívia, o Equador e a Venezuela.

(b): Exclui a Bolívia, o Equador e a Venezuela.

A participação da região no comércio exterior do México e da Venezuela foi relativamente baixa em 1980 em relação com a média. Nesse ano, estes países exportaram para a região 4 por cento e 8 por cento e importaram 4 por cento e 7 por cento respectivamente.

Se se considera a participação da região nas exportações diferentes de combustíveis em 1980, as percentagens variam um pouco (Quadro no. 11). A região recebeu em 1980 a média de 18.5 por cento das exportações diferentes de combustíveis. Nesse ano a região absorveu 17.0 por cento das exportações diferentes de combustíveis da Venezuela, 8.5 por cento das do México, 24.1 por cento das do Equador e 25.7 por cento (única percentagem menor que com combustíveis) das da Bolívia. Portanto, a participação da região como destino das exportações aumenta para os países exportadores de energia ao excluir os combustíveis, exceto no caso da Bolívia.

As participações da região como fonte das importações dos países também variam em 1980 quando são excluídos os combustíveis: diminui para a Argentina (de 20.3 por cento a 18.6 por cento), a Colômbia (de 14.9 por cento a 12.4 por cento), o Chile (de 27.1 por cento a 22.3 por cento), o Paraguai (48.3 por cento a 44.7 por cento), e aumenta para os países que adquirem seus combustíveis predominantemente fora da região: o Brasil (de 11.6 por cento a 14.1 por cento) e o Uruguai (de 36.3 por cento a 41.3 por cento).

O segundo aspecto da estrutura geográfica do comércio, ou seja a distribuição do comércio exterior entre os onze países, está indicado no Quadro no. 10 para os anos 1962, 1970 e 1980. Ali aparece a distribuição das exportações e importações totais, intra-regionais e para ou do resto do mundo.

Em 1980, o Brasil realizou 31.7 por cento das exportações intra-regionais; a Argentina, 16.9 por cento; a Venezuela, 13.1 por cento e o Chile, 10.1 por cento. O México realizou 5.4 por cento; o Peru, 5.2 por cento; a Colômbia, 5 por cento; o Equador, 4.1 por cento; o Uruguai, 3.6 por cento; a Bolívia, 3.5 por cento e o Paraguai, 1.3 por cento.

Os quatro países mencionados no início do parágrafo anterior acumularam 72 por cento das exportações intra-regionais neste ano e tinham reunido 80 por cento dessas exportações em 1962. Entre 1962 e 1980 o Brasil ganhou uma substancial participação nas exportações intra-regionais (de 13.7 por cento a 31.7 por cento), o Chile passou de 7.9 por cento a 10.1 por cento e a Argentina e a Venezuela perderam participação.

Estes quatro países realizaram 70 por cento das importações da região em 1980: correspondeu ao Brasil 28.5 por cento, à Argentina 20.4 por cento, ao Chile 13.3 por cento e à Venezuela 7.9 por cento. Em 1962 tinham realizado 78 por cento dessas importações.

O comércio intra-regional manteve-se mais concentrado que o comércio com terceiros países nas duas décadas passadas. A Argentina e o Brasil, que efetuaram 48.6 por cento das exportações intra-regionais em 1980, participaram com 34 por cento nas exportações para o resto do mundo (Ver Quadro no. 10). Em 1962, estes dois países captaram 42 por cento das exportações intra-regionais e 30.7 por cento das exportações para o resto do mundo

Como se pode observar no Quadro no. 12, em 1963, 3 dos 55 pares de países que se pode formar com os onze da região realizam cerca de 48 por cento do intercâmbio regional. Estes pares eram Argentina-Brasil (21.3 por cento), Brasil-Venezuela (17.9 por cento) e Argentina-Chile (8.5 por cento). No início da ALALC, em

QUADRO Nº. 11
 PRODUTOS DIFERENTES DE COMESTÍVEIS: PORCENTAGEM COMERCIALIZADA COM A REGIÃO, 1962, 1970 e 1980
 (Porcentagens)

EXPORTAÇÃO	1962			1970			1980					
	COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO			COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO			COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO					
	INTRA-REGIONAL	REGIONAL	GLOBAL	INTRA-REGIONAL	REGIONAL	GLOBAL	INTRA-REGIONAL	REGIONAL	GLOBAL			
Argentina	40.4	21.9	23.2	12.2	32.4	16.6	18.5	20.6	20.1	15.5	16.3	22.6
Bolívia	0.5	1.5	1.5	2.7	4.1	2.5	2.3	5.5	2.5	1.7	1.8	25.7
Brasil	20.6	23.4	23.2	6.2	26.9	28.7	28.5	11.1	37.9	42.5	41.6	16.8
Colômbia	1.4	8.1	7.7	1.3	4.9	7.2	7.0	8.3	6.1	8.5	8.1	14.0
Chile	11.8	10.1	10.2	8.1	12.1	13.0	12.4	11.0	12.4	9.2	9.8	23.5
Equador	1.7	2.3	2.3	5.1	1.8	2.0	2.0	10.6	2.5	1.8	1.9	24.1
México	6.0	14.7	14.1	3.0	8.3	12.3	11.8	8.2	4.7	11.5	10.3	6.1
Paraguai	3.0	0.6	0.6	33.3	2.2	0.5	0.7	39.1	1.6	0.4	0.7	45.5
Peru	14.4	10.0	10.2	8.5	5.5	11.6	10.9	5.9	6.1	5.4	5.6	20.4
Uruguai	1.9	3.0	2.9	4.6	2.6	2.4	2.4	12.0	4.5	1.7	2.2	37.2
Venezuela	0.3	4.4	4.1	0.5	2.2	3.2	3.0	6.3	1.6	1.8	1.7	17.0
TOTAL	100.0	100.0	100.0	7.0	100.0	100.0	100.0	11.7	100.0	100.0	100.0	17.5
IMPORTAÇÃO												
Argentina	22.6	18.8	19.1	8.1	28.2	12.5	14.4	21.1	23.2	16.7	15.2	10.1
Bolívia	2.7	1.3	1.4	12.4	2.2	1.3	1.4	16.6	2.8	1.0	1.2	20.0
Brasil	27.1	17.7	18.5	10.0	20.7	21.4	21.8	10.1	25.2	21.6	21.5	14.1
Colômbia	3.1	8.3	7.9	2.7	6.4	7.5	7.3	7.2	6.1	5.9	5.9	11.4
Chile	17.2	6.5	7.2	16.1	13.8	7.0	7.7	19.0	11.2	5.5	6.1	22.5
Equador	0.9	1.5	1.5	4.2	1.7	2.3	2.3	8.2	2.8	3.0	2.9	17.5
México	1.3	17.9	16.8	0.5	5.1	22.9	21.0	2.6	8.1	27.6	25.3	3.6
Paraguai	1.3	0.5	0.5	17.1	1.3	0.5	0.6	25.0	2.4	0.4	0.6	44.7
Peru	9.2	7.8	7.9	7.8	8.4	5.0	5.3	16.6	4.5	3.2	3.6	14.7
Uruguai	10.1	3.0	3.5	19.6	6.0	1.2	1.7	36.2	3.7	1.1	1.7	41.2
Venezuela	4.5	16.7	15.9	1.8	6.2	17.9	16.7	4.0	10.0	18.5	17.5	8.8
TOTAL	100.0	100.0	100.0	6.8	100.0	100.0	100.0	10.6	100.0	100.0	100.0	12.0

Fonte: ALADI, Secretaria-Geral, Unidade de Informação e Estudos.

QUADRO No. 12

PARTICIPACÃO NAS EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS POR PARES DE PAÍSES, 1962-1980

(Porcentagens)

PARTICIPACÃO NAS EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS

País de origem - destino	1962		1965		1970-1975		1970		1975-1980		1975		1980	
	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais	Adicionais	Totais
Argentina - Brasil	13.2	12.5	7.3	12.7	2.7	10.9	8.0	7.0	5.3	7.0	5.3	7.0	5.3	7.0
Brasil - Argentina	31.7	8.8	10.2	16.6	7.2	14.6	10.3	10.0	9.5	10.0	9.5	10.0	9.5	10.0
Total	44.9	21.3	17.5	29.5	9.9	25.5	18.3	17.0	14.8	17.0	14.8	17.0	14.8	17.0
Argentina - Chile	7.1	5.8	8.6	6.3	1.5	7.1	1.5	2.0	1.5	2.0	1.5	2.0	1.5	2.0
Chile - Argentina	3.7	2.7	11.8	3.1	3.2	6.1	3.2	2.5	3.2	2.5	3.2	2.5	3.2	2.5
Total	10.8	8.5	20.4	9.4	4.7	13.2	4.7	4.5	4.7	4.5	4.7	4.5	4.7	4.5
Argentina - México					6.0	1.3	6.0	1.3						
México - Argentina					0.6	1.1	0.6	1.1						
Total					6.6	2.4	6.6	2.4						
Brasil - Chile					2.8	1.9	2.8	1.9			5.1	2.5	4.1	4.1
Chile - Brasil					2.7	1.9	2.7	1.9			5.2	2.4	4.2	4.2
Total					5.5	3.8	5.5	3.8			10.3	4.9	8.3	8.3
Brasil - México					4.0	1.6	4.0	1.6			4.9	3.2	4.3	4.3
México - Brasil					2.8	1.2	2.8	1.2			3.6	2.3	3.1	3.1
Total					6.8	2.8	6.8	2.8			8.5	5.5	7.4	7.4
Colômbia - Venezuela											2.8	2.2	2.6	2.6
Venezuela - Colômbia											3.8	0.5	2.7	2.7
Total											6.6	2.7	5.3	5.3
Brasil - Venezuela	1.0	0.0	1.1	0.4	3.7	0.6	1.7	2.1			2.8	2.1	2.1	2.1
Venezuela - Brasil	-	17.9	-	11.4	1.2	4.6	8.4	6.3			2.3	6.3	6.3	6.3
Total	-	17.9	-	11.8	4.9	5.2	10.1	8.4			5.1	8.4	8.4	8.4
Subtotal	56.7	47.7	37.9	50.7	38.6	52.9	53.8	33.0			33.0	33.0	33.0	33.0
Total de pares de países	43.3	52.3	62.1	49.3	61.4	47.1	46.2	67.0			67.0	67.0	67.0	67.0
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0			100.0	100.0	100.0	100.0

//

tre 1962 e 1965, os incrementos maiores do intercâmbio se realizaram entre a Argentina e o Brasil (44.9 por cento do novo comércio) e a Argentina e o Chile (10.8 por cento). Estes dois pares realizaram 56 por cento do comércio adicional entre 1962 e 1965 e 38 por cento do mesmo entre 1965 e 1970 (Ver Quadro no. 12).

Para 1970 o intercâmbio Argentina-Brasil e Argentina-Chile representava 39 por cento do intercâmbio intra-regional; Argentina-Brasil com 26 por cento e Argentina-Chile com 13 por cento. Durante a década, o comércio Argentina-Brasil perdeu importância relativa embora se tenha mantido em primeiro lugar -com 17 por cento- em 1980, e o comércio Argentina-Chile perdeu muito peso, pois caiu a 4.5 por cento do comércio intra-regional em 1980.

A diversificação do comércio durante a década de 70 efetuou-se principalmente através das correntes bilaterais de vários países com o Brasil. Para 1980 o comércio Brasil-Chile tinha chegado a representar 8.3 por cento do intercâmbio intra-regional; o comércio Brasil-México, 7.4 por cento; o comércio Brasil-Venezuela, 8.4 por cento; o comércio Brasil-Uruguai, 4.5 por cento e o comércio Brasil-Paraguai, 4.1 por cento. Entre os demais pares de intercâmbios salienta-se o da Colômbia-Venezuela, que passou de 2.7 por cento do intercâmbio intra-regional em 1975 a 5.3 por cento em 1980.

Por conseguinte, na década de 60 o incremento do intercâmbio esteve liderado pelo comércio da Argentina com seus vizinhos, o Brasil e o Chile, e na década de 70, pelo comércio bilateral do Brasil com vários países, entre eles, o Chile, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Como conclusão, pode-se afirmar que a expansão relativamente rápida do comércio intra-regional nas duas décadas passadas obedeceu a uma expansão do intercâmbio bilateral mais que a um incremento generalizado do comércio multilateral. Os focos deste processo foram a Argentina e o Brasil nos anos 60, e o Brasil durante os anos 70.

No Quadro no. 13 documentam-se as conclusões anteriores de forma algo diferente. Ali são apresentadas as percentagens das exportações e das importações intra-regionais de cada país, que correspondem ao comércio com seus três principais sócios.

Em 1970, no final da primeira década da ALALC, cinco dos países tinham a Argentina como primeiro comprador, 3 o Brasil, 1 o Chile, 1 o Peru e 1 a Venezuela.

Em 1980, a participação dos três principais sócios compradores nas exportações de cada país flutuou entre 48 por cento (Peru) e 89 por cento (Bolívia e Paraguai). O Brasil foi o principal comprador para 6 dos países, a Argentina, para 3; o Chile, para 1 e a Venezuela, para 1.

De forma similar, em 1970, a Argentina era o primeiro exportador entre os sócios da região para 5 dos países; o Brasil, para 3; o México, para 2 e a Colômbia, para 1. Em 1980 estas cifras tinham mudado assim: o Brasil foi o primeiro exportador para 6 dos países; a Argentina, para 3; a Colômbia, para 1 e a Venezuela, para 1.

Todas estas mudanças são o resultado do crescimento do comércio da região de forma predominantemente bilateral em torno de alguns países que atuaram como "motores do crescimento" e como focos da expansão comercial. No entanto, deve destacar-se que para 1980 não se tinha produzido uma expansão realmente multilateral do intercâmbio comercial.

vf

//

// 344

O Tratado de Montevideu 1980 está orientado, em sua parte operacional, à realização de convênios e acordos bilaterais e plurilaterais, e traça pautas para que esses convênios convirjam para um intercâmbio multilateral. A experiência das duas décadas passadas ensina que o multilateralismo não se dá por geração espontânea, e que provavelmente a meta da ALADI requererá dos mais árduos esforços por parte dos agentes comprometidos na integração regional.

PERCENTAGEM DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL DE CADA PAÍS
 COM OS TRÊS SÓCIOS PRINCIPAIS: 1962, 1970 e 1980

	1962	1970	1980
<u>ARGENTINA</u>			
Exportação	Brasil 43.9 Chile 20.6 Peru 16.8	Brasil 38.0 Chile 24.9 Peru 8.7	Brasil 41.4 Chile 11.8 Peru 10.2
Importação	Brasil 81.3 Venezuela 40.9 Chile 31.2 9.7	Brasil 71.6 Chile 49.7 Venezuela 20.1 8.3	Brasil 63.4 Chile 50.1 Bolívia 11.9 11.8
<u>BOLÍVIA</u>			
Exportação	Argentina 66.7 Brasil 33.3	Argentina 54.5 Peru 22.7 Brasil 9.1	Argentina 64.4 Chile 14.8 Brasil 10.3
Importação	100.0 Argentina 53.3 Chile 26.7 Peru 13.3	86.3 Argentina 63.0 Brasil 14.8 Peru 7.4	89.5 Argentina 39.5 Brasil 23.6 Peru 19.3
<u>BRASIL</u>			
Exportação	Argentina 64.0 Uruguai 18.7 Chile 12.0	Argentina 61.2 Uruguai 10.2 Chile 7.9	Argentina 31.6 Chile 13.6 México 13.0
Importação	94.7 Venezuela 45.2 Argentina 36.0 Chile 6.7	79.3 Argentina 55.3 Venezuela 19.1 Chile 11.7	58.2 Argentina 29.3 Venezuela 20.6 México 15.7
<u>COLÔMBIA</u>			
Exportação	Peru 44.4 Equador 22.2 Venezuela 11.1	Peru 34.5 Equador 21.4 Chile 19.0	Venezuela 50.6 Equador 14.0 Argentina 12.9
Importação	77.7 Equador 35.7 Venezuela 14.3 Argentina 14.3	74.9 México 21.8 Argentina 17.9 Venezuela 12.8	77.1 Venezuela 28.3 Brasil 18.2 Peru 13.9
	64.3	52.5	60.4

Quadro no. 13 (cont.)

	1962	1970	1980
<u>CHILE</u>			
Exportação	Brazil 44.2 Argentina 34.9 Peru 7.0	Argentina 57.4 Brazil 17.6 México 7.4	Brazil 41.6 Argentina 25.1 Colômbia 6.8
Importação	Argentina 86.1 Peru 47.3 Venezuela 26.4 11.0 84.7	Argentina 82.4 Brazil 49.2 México 10.1 72.5	Brazil 73.5 Venezuela 31.0 Argentina 19.0 16.9 66.9
<u>EQUADOR</u>			
Exportação	Colômbia 50.0 Chile 33.3 Peru 16.7	Chile 28.6 Colômbia 23.8 Peru 19.0	Chile 49.1 Colômbia 20.8 Peru 9.2
Importação	Colômbia 100.0 Chile 50.0 México 25.0 25.0 100.0	Colômbia 71.4 Venezuela 37.1 Peru 23.9 11.4 71.4	Colômbia 79.1 Peru 19.5 Brazil 18.8 57.8
<u>MÉXICO</u>			
Exportação	Brazil 36.4 Venezuela 18.2 Argentina 9.1	Venezuela 23.7 Chile 17.2 Brazil 16.1	Brazil 57.6 Venezuela 10.1 Colômbia 7.9
Importação	Argentina 63.7 Peru 33.3 Chile 33.3 16.7 100.0	Brazil 57.0 Argentina 24.6 Peru 21.5 20.0 66.1	Brazil 75.6 Argentina 60.6 Chile 16.5 6.7 83.6
<u>PARAGUAI</u>			
Exportação	Argentina 90.9 Uruguai 9.1	Argentina 72.0 Uruguai 12.0 Brazil 4.0	Argentina 52.9 Brazil 28.6 Chile 7.9
Importação	Argentina 100.0 Venezuela 75.0 25.0	Brazil 86.0 Argentina 76.5 Brazil 11.8 Uruguai 11.8 100.0	Brazil 89.4 Argentina 51.9 Uruguai 40.7 5.4 98.1

//

Quadro no. 13 (cont.)

	1962	1970	1980
<u>PERU</u>			
Exportação	Chile Brasil Argentina	Argentina México Colômbia	Brasil Equador México
	46.0 22.0 16.0	22.2 22.2 14.3	18.7 14.8 14.5
Importação	Argentina Colômbia Chile	Argentina Colômbia México	Argentina Brasil Chile
	84.0 62.5 10.4 6.3	58.7 36.7 24.8 11.0	48.0 27.7 24.5 13.8
	79.2	72.5	66.0
<u>URUGUAI</u>			
Exportação	Brasil Argentina Colômbia	Brasil Argentina Colômbia	Brasil Argentina Chile
	37.5 25.0 25.0	42.9 21.4 10.7	48.5 36.0 5.8
Importação	Brasil Venezuela Argentina	Brasil Argentina Paraguai	Brasil Argentina Venezuela
	87.5 44.4 24.4 20.0	75.0 45.7 37.3 5.3	66.0 47.3 28.5 12.5
	88.8	87.5	88.3
<u>VENEZUELA</u>			
Exportação	Brasil Argentina Chile	Brasil Argentina Chile	Brasil Colômbia Chile
	59.8 21.3 6.7	43.4 21.3 8.8	46.9 19.9 18.5
Importação	Argentina México Chile	México Argentina Brasil	Brasil Colômbia Argentina
	87.8 36.8 31.6 10.5	73.5 38.7 20.0 13.3	85.3 31.0 23.8 11.8
	78.9	72.0	66.6

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos.

VI. ESTRUTURA DO COMÉRCIO REGIONAL POR
CATEGORIAS DE PRODUTOS, 1962-1980

Para analisar a estrutura do comércio regional por categorias de produtos foram reclassificados os grupos da CUCI-2 em cinco grandes compartimentos: alimentos, matérias-primas de origem agrícola, combustíveis, minérios e metais, e manufaturas (ver Quadro no. 14).

Em 1962, a média do conjunto de exportações para a região era bastante similar à média do conjunto de exportações para o resto do mundo, com predomínio dos alimentos e combustíveis, participação moderada de minérios e matérias-primas agrícolas, e participação relativamente baixa das manufaturas. Ambos conjuntos se diferenciavam um pouco em que as manufaturas tinham um peso maior nas exportações para a região e os minérios tinham maior peso nas exportações para o resto do mundo. Para facilitar a leitura, ambos conjuntos são transcritos do Quadro no. 14:

<u>Conjunto de exportações 1962</u>	<u>Intra-regional</u> (%)	<u>Resto do mundo</u> (%)
1. Alimentos	34.9	37.0
2. Matérias-primas agrícolas	12.8	11.9
3. Combustíveis	33.4	32.6
4. Minérios e metais	9.0	15.0
5. Manufaturas	9.7	3.2
6. Não classificados	0.2	0.3
TOTAL	100.0	100.0

Em geral, os conjuntos de exportações intra-regional e extra-regional apresentavam diferenças algo superiores em nível de cada país em 1962, com a constante de que quase sempre as manufaturas tinham mais peso nas exportações intra-regionais. As exceções eram o Paraguai e a Venezuela.

Em 1980, a média dos conjuntos de exportações para a região e para o resto do mundo tinham se diferenciado notoriamente. As manufaturas ocuparam o primeiro lugar nas exportações regionais (43.3 por cento) e o terceiro nas exportações extra-regionais (11.9 por cento). Os combustíveis ocuparam o primeiro lugar nas exportações para fora da região (42.5 por cento) e o segundo nas intra-regionais (19.7 por cento). Os alimentos e matérias-primas agrícolas somados perderam muito mais peso em 1962 no intercâmbio intra-regional (ao passar de 47.7 por cento a 23.8 por cento) que nas exportações para o resto do mundo (de 48.9 por cento em 1962 a 33.1 por cento em 1980). A participação dos minérios em ambos conjuntos estava em 1980 ao redor de 12 por cento. Para esclarecimento, transcrevem-se do Quadro no. 14 os conjuntos de 1980:

<u>Conjunto de exportações 1980</u>	<u>Intra-regional</u> (%)	<u>Resto do mundo</u> (%)
1. Alimentos	19.5	29.5
2. Matérias-primas agrícolas	4.3	3.6
3. Combustíveis	19.7	42.5
4. Minérios e metais	12.8	11.8
5. Manufaturas	43.3	11.9
6. Não classificados	0.4	0.7
TOTAL	100.0	100.0

QUADRO No. 14

ESTRUTURA PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES-MEMBROS
POR GRUPOS DE PRODUTOS E DESTINO 1962-1970-1980

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS						AO RESTO DO MUNDO						GLOBAIS		
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1970	1976	1980
TOTAL REGIÃO	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1. Alimentos	34,9	31,4	19,5	37,0	-0,3	29,5	36,9	39,4	28,1	36,9	39,4	28,1	36,9	39,4	28,1
2. Matérias-primas agrícolas	12,6	11,8	4,5	11,9	6,4	3,6	12,0	7,0	3,7	12,0	7,0	3,7	12,0	7,0	3,7
3. Combustíveis	33,4	12,4	19,7	32,6	75,6	42,5	32,7	24,3	39,3	32,7	24,3	39,3	32,7	24,3	39,3
4. Minerais e metais	9,0	15,9	12,8	15,0	21,1	11,8	14,6	20,6	11,9	14,6	20,6	11,9	14,6	20,6	11,9
5. Manufaturas	9,7	27,7	43,3	3,2	6,2	11,9	3,7	8,3	16,3	3,7	8,3	16,3	3,7	8,3	16,3
6. Não-classificados	0,2	1,1	0,3	0,2	0,3	0,7	0,2	0,4	0,7	0,2	0,4	0,7	0,2	0,4	0,7
ARGENTINA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1. Alimentos	81,7	58,7	47,4	70,4	74,4	70,2	71,9	74,4	64,9	70,2	71,9	74,4	74,4	74,4	64,9
2. Matérias-primas agrícolas	4,6	6,0	7,7	25,9	12,1	7,3	23,2	10,8	6,2	7,3	23,2	10,8	6,2	7,3	23,2
3. Combustíveis	5,2	1,4	5,0	0,5	0,2	3,0	1,1	6,5	3,5	3,0	1,1	6,5	3,5	3,0	1,1
4. Minerais e metais	1,3	4,1	4,4	0,7	1,5	3,8	0,7	2,0	4,0	0,7	2,0	4,0	0,7	2,0	4,0
5. Manufaturas	7,2	29,8	40,4	2,5	7,8	15,6	3,1	12,3	21,4	15,6	3,1	12,3	12,3	12,3	21,4
6. Não-classificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
BOLÍVIA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1. Alimentos	0,0	6,5	16,0	2,6	2,4	6,1	2,7	2,6	7,7	6,1	2,7	2,6	2,6	2,6	7,7
2. Matérias-primas agrícolas	0,0	9,1	5,3	0,0	1,0	3,7	0,0	1,7	4,3	3,7	0,0	1,7	4,3	3,7	4,3
3. Combustíveis	50,0	45,5	41,2	0,0	0,0	1,2	1,4	6,4	15,9	1,2	1,4	6,4	15,9	1,4	15,9
4. Minerais e metais	0,0	27,3	36,7	91,7	92,6	85,6	89,2	86,5	67,7	85,6	89,2	86,5	67,7	86,5	67,7
5. Manufaturas	50,0	0,0	4,0	4,2	3,4	1,5	2,4	3,1	2,4	1,5	2,4	3,1	2,4	3,1	2,4
6. Não-classificados	0,0	13,6	2,4	1,4	0,5	1,8	1,4	1,7	2,0	1,8	1,4	1,7	2,0	1,7	2,0
BRASIL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1. Alimentos	53,2	25,7	11,0	72,5	67,9	53,6	71,3	63,2	46,3	53,6	71,3	63,2	46,3	63,2	46,3
2. Matérias-primas agrícolas	28,6	16,2	2,7	15,6	11,1	4,2	16,4	11,9	4,0	4,2	16,4	11,9	4,0	4,2	16,4
3. Combustíveis	0,0	0,7	4,0	0,6	0,6	1,5	0,6	0,6	1,9	1,5	0,6	0,6	1,9	0,6	1,9
4. Minerais e metais	3,9	20,4	9,0	9,1	12,8	14,8	6,7	13,7	13,8	14,8	6,7	13,7	13,8	13,7	13,8
5. Manufaturas	14,3	32,1	73,3	2,1	6,9	24,3	2,9	9,6	32,7	24,3	2,9	9,6	32,7	9,6	32,7
6. Não-classificados	0,0	3,3	0,0	0,2	0,7	1,6	0,2	0,9	1,4	1,6	0,2	0,9	1,4	0,9	1,4

Quadro No. 14 (Cont.)

PAISES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS						AO ESTU-DO MUNDO				GLOBAIS	
	1962	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980	1970	1980	
PERU												
1. Alimentos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2. Matérias-primas agrícolas	10,0	41,9	11,5	40,8	43,6	16,4	37,9	43,5	15,6	43,5	15,6	15,6
3. Combustíveis	50,0	25,8	5,4	17,6	4,6	3,4	20,6	5,8	3,8	5,8	3,8	3,8
4. Minerais e metais	10,0	1,6	6,1	1,6	0,0	23,3	2,4	0,7	20,3	0,7	20,3	20,3
5. Manufaturas	28,0	21,0	60,9	34,4	50,2	43,4	38,1	48,4	43,0	48,4	43,0	43,0
6. Não-classificados	0,0	9,7	30,2	0,6	0,7	11,8	0,9	1,2	16,0	1,2	16,0	16,0
	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	1,0	0,0	0,4	0,0	0,4	0,0	1,3
URUGUAI												
1. Alimentos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2. Matérias-primas agrícolas	2,0	11,4	47,5	31,0	48,8	34,3	30,7	47,6	34,2	47,6	34,2	34,2
3. Combustíveis	50,0	17,2	3,0	6,8	36,5	33,1	64,1	34,1	21,9	34,1	21,9	21,9
4. Minerais e metais	12,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
5. Manufaturas	0,0	6,9	3,6	0,0	0,0	0,2	0,0	0,9	1,4	0,9	1,4	1,4
6. Não-classificados	12,5	34,5	45,2	4,1	14,8	32,5	4,6	17,2	37,2	17,2	37,2	37,2
	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,3	0,3
VENEZUELA												
1. Alimentos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2. Matérias-primas agrícolas	0,0	0,0	0,4	1,4	1,7	0,4	1,3	1,7	0,4	1,7	0,4	0,4
3. Combustíveis	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0
4. Minerais e metais	98,8	82,4	90,2	91,2	91,3	96,0	91,7	90,9	95,8	90,9	95,8	95,8
5. Manufaturas	0,0	14,7	4,1	5,1	5,9	2,8	4,8	6,3	2,9	6,3	2,9	2,9
6. Não-classificados	1,2	2,9	5,2	2,1	0,9	0,8	2,0	1,0	1,2	1,0	1,2	1,2
	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0

As principais generalizações resultantes de comparar os conjuntos de exportações 1962 e 1980 são as seguintes:

- a) No período considerado, as exportações globais regionais mais dinâmicas foram as de manufaturas e combustíveis.
- b) Dentro do comércio intra-regional, as exportações mais dinâmicas foram as de manufaturas e, em certa medida, as de metais e minérios diferentes de combustíveis.
- c) Nas exportações para terceiros países os produtos mais dinâmicos foram os combustíveis e, em certa medida, as manufaturas.
- d) Os alimentos e matérias-primas agrícolas tiveram um baixo dinamismo no conjunto de exportações globais, nas exportações para o resto do mundo e, particularmente, nas intra-regionais.

É importante destacar que os alimentos e produtos agrícolas é o único tipo de exportações que perdeu dinamismo em ambas frentes, intra e extra-regional, apesar de que -como se verá mais adiante- sua participação nas importações se manteve estável. As exportações de manufaturas foram particularmente dinâmicas para o mercado regional, mas também para o resto do mundo. Os combustíveis foram uma exportação dinâmica na década do 70, depois de haver tido pouco dinamismo na década de 60. Os minérios e metais perderam participação nas exportações globais, embora a tenham incrementado nas intra-regionais.

A participação das manufaturas nas exportações intra-regionais era maior que nas extra-regionais para todos os países para 1980. No entanto, tal participação flutuou amplamente através dos onze países e não constituiu para cada um deles o primeiro item de exportação em todos os casos.

Participação das manufaturas nas exportações, 1980	Região	Resto do mundo
	(%)	(%)
Argentina	40.4	15.6
Bolívia	4.0	1.5
Brasil	73.3	24.3
Colômbia	63.9	12.4
Chile	18.6	5.3
Equador	14.1	0.5
México	54.9	11.9
Paraguai	19.1	5.9
Peru	36.2	11.8
Uruguai	45.2	32.5
Venezuela	5.2	0.8
<u>Média</u>	43.3	11.9

Em 1980, por cada dólar exportado de produtos manufaturados, 37 centavos foram exportados para a própria região. A importância da região como compradora das exportações de manufaturas foi relativamente alta para todos os países, exceto

//

//

para o México. Nesse ano a Argentina dirigiu 43.6% de suas exportações manufatureiras à região, a Bolívia, 60%, o Brasil, 38,5%, a Colômbia, 45.6%, o Chile, 51.9%, o Equador, 86.3%, o México, 16.5%, o Paraguai, 73%, o Peru, 39.2%, o Uruguai, 45.2% e a Venezuela, 34.9%. Em média os países dirigiram 37.2% de suas exportações de manufaturas para a própria região.

Em 1980, os quatro maiores exportadores de manufaturas para a região foram o Brasil (com 53.5% do total), a Argentina (15.8%), a Colômbia (7.5%), o México (6.9%), e para terceiros países, o Brasil (com 50.6% do total regional), o México (20.8%), a Argentina (12.1%) e a Colômbia (5.3%). São os países que maior participação tiveram nas exportações intra-regionais de manufaturas, que mais peso tiveram nas extra-regionais, o qual indica que no crescimento das exportações intra-regionais de produtos manufaturados tiveram mais incidência as políticas de promoção de exportações que os acordos preferenciais de comércio (ver Quadros nos. 14 e 15).

Os alimentos perderam participação nas exportações, tanto intra-regionais como extra-regionais, entre 1962 e 1980. Além disso, a parte das exportações de alimentos que fica na própria região é relativamente baixa: 6.7% em 1962, 8.0% em 1970 e 9.7% em 1980. Os países que em 1980 dirigiram uma maior parte de suas exportações de alimentos para a região foram a Bolívia (50%), o Uruguai (45%) e o Paraguai (39%).

Os maiores exportadores de alimentos para a região em 1980 foram a Argentina (41% das exportações intra-regionais), o Brasil (17.8%), o Chile (9.4%) e o Uruguai (8.8%), e os maiores exportadores de alimentos para terceiros países foram o Brasil (45%), a Argentina (21.8%), a Colômbia (13.5%) e o México (9.7%). Isto sugere que nas exportações de alimentos para a região predominam os produtos de climas temperados, e para fora da região, os produtos de climas tropicais.

A participação da região como destino das exportações de combustíveis foi de 7.2% em 1962 e 7% em 1980. Em 1980, a Bolívia dirigiu 95% de suas exportações de combustíveis para a região, o Equador, 15%, o México, 2% e a Venezuela, 7%. No mesmo ano, a Venezuela realizou 60% das exportações intra-regionais de combustíveis, o Equador, 10.5% e o México, 8.4% e os mesmos países realizaram 58%, 5% e 33% das exportações extra-regionais, respectivamente.

Os minérios e metais ganharam participação nas exportações intra-regionais entre 1962 e 1980 e a perderam nas exportações para o resto do mundo, o que parece indicar que neste grupo de produtos houve algum desvio de comércio. Com efeito, a região comprava em 1962 somente 4.4% das exportações de minérios e metais, e passou em 1980 a comprar 15%. Em 1980 o Chile efetuou 35.7% das exportações intra-regionais deste tipo de produtos, o Brasil, 22.3%, o Peru, 16.8% e a Bolívia, 9.9%. Estes mesmos países efetuaram, respectivamente, 31%, 31%, 15% e 7% das exportações extra-regionais de metais e minérios nesse ano. Cabe destacar o peso que adquiriu o Brasil nas exportações, tanto intra-regionais como extra-regionais, de minérios durante os dois últimos decênios.

//

me

QUADRO No. 15

ESTRUTURA PERCENTUAL DAS IMPORTAÇÕES DOS PAÍSES-MEMBROS
POR GRUPOS DE PRODUTOS E ORIGEM
1962-1970-1980

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS						RESTO DO MUNDO				GLOBAIS	
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980
TOTAL REGIÃO	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1 - ALIMENTOS	36,6	34,5	20,6	9,3	6,9	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	13,3	13,0	5,1	3,7	3,1	2,0	4,8	4,8	4,8	4,8	4,8	4,8
3 - COMBUSTÍVEIS	37,6	10,8	20,9	4,6	5,2	17,3	7,1	7,1	7,1	7,1	7,1	7,1
4 - MINERAIS E METAIS	7,7	15,2	13,3	8,6	10,5	8,0	6,7	6,7	6,7	6,7	6,7	6,7
5 - MANUFATURAS	9,7	26,1	39,3	73,0	73,0	62,1	67,3	67,3	67,3	67,3	67,3	67,3
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0,2	0,4	0,8	9,7	0,6	0,3	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6
ARGENTINA												
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	10,0	10,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	21,7	20,5	15,9	1,7	1,5	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1
3 - COMBUSTÍVEIS	26,3	25,6	10,3	3,7	4,0	2,0	6,7	6,7	6,7	6,7	6,7	6,7
4 - MINERAIS E METAIS	34,2	9,1	17,7	3,3	3,6	6,4	6,4	6,4	6,4	6,4	6,4	6,4
5 - MANUFATURAS	9,9	25,3	14,5	13,2	20,9	7,1	12,9	12,9	12,9	12,9	12,9	12,9
6 - NÃO CLASSIFICADOS	7,9	19,5	41,5	78,0	69,5	79,4	70,1	70,1	70,1	70,1	70,1	70,1
0,0	0,0	0,0	0,2	0,5	0,5	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
BOLÍVIA												
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	43,6	40,7	25,3	22,0	16,0	9,3	9,3	9,3	9,3	9,3	9,3	9,3
3 - COMBUSTÍVEIS	6,3	3,0	0,9	2,4	0,8	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
4 - MINERAIS E METAIS	18,0	3,7	0,9	1,2	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8
5 - MANUFATURAS	31,3	44,4	52,4	68,3	74,8	82,0	82,0	82,0	82,0	82,0	82,0	82,0
0,0	0,0	12,0	0,0	0,0	0,8	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7
BRASIL												
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	33,9	46,0	29,1	13,1	6,6	6,8	6,8	6,8	6,8	6,8	6,8	6,8
3 - COMBUSTÍVEIS	1,3	1,3	2,8	3,4	1,9	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
4 - MINERAIS E METAIS	50,0	19,1	29,9	11,7	12,6	43,7	17,8	17,8	17,8	17,8	17,8	17,8
5 - MANUFATURAS	11,9	12,6	19,3	7,9	11,0	5,7	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2
0,0	0,0	16,8	63,6	67,3	62,1	62,1	62,1	62,1	62,1	62,1	62,1	62,1
0,0	0,0	0,0	0,2	0,6	0,6	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

QUADRO No. 15 (Cont.)

PAÍSES E	INTRA-REGIONAIS					RESTO DO MUNDO					GLOBAIS		
	1962	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980	1982
COLOMBIA													
1- ALIMENTOS	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	35.7	25.3	14.9	7.2	5.4	11.1	7.2	8.0	11.7	8.0	7.2	8.0	11.7
3- COMBUSTÍVEIS	6.0	1.3	6.5	4.6	3.1	2.2	4.4	3.1	2.9	3.4	4.4	3.1	2.9
4- MINERAIS E METAIS	0.0	20.6	16.8	9.3	10.2	7.8	9.1	11.7	9.2	9.1	11.7	9.1	12.2
5- MANUFATURAS	28.6	30.4	34.0	13.2	79.1	66.5	74.0	74.5	63.4	74.5	74.5	74.5	63.4
6- NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	0.1	2.5	1.2	0.8	2.4	1.1	0.7	2.4	1.1	2.4	0.7
CHILE													
1- ALIMENTOS	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	51.6	45.7	25.0	12.4	6.7	11.3	14.5	14.0	15.0	14.5	14.0	14.5	15.0
3- COMBUSTÍVEIS	15.4	12.2	2.6	4.5	4.6	13.0	6.4	6.1	15.4	6.4	6.1	6.4	15.4
4- MINERAIS E METAIS	1.1	2.7	3.6	6.4	7.0	3.4	5.5	6.1	3.5	5.5	6.1	5.5	3.5
5- MANUFATURAS	8.8	22.9	32.0	74.6	74.5	67.3	62.1	68.1	57.8	62.1	68.1	62.1	57.8
6- NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	3.7	0.2	0.2	3.5	0.2	0.3	3.5	0.2	0.3	0.2	3.5
EQUADOR													
1- ALIMENTOS	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	0.0	5.7	5.3	13.8	7.9	6.1	13.4	7.7	6.1	13.4	7.7	13.4	7.7
3- COMBUSTÍVEIS	33.3	2.9	3.0	2.1	2.9	1.8	2.1	2.9	2.0	3.1	2.9	2.1	2.0
4- MINERAIS E METAIS	0.0	40.0	13.5	2.1	1.3	9.6	2.1	6.2	10.0	2.1	6.2	2.1	10.0
5- MANUFATURAS	64.7	42.9	68.0	74.5	77.4	70.8	74.2	73.0	70.5	74.2	73.0	74.2	70.5
6- NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.5	0.0	0.7	0.4	0.0	0.7	0.0	0.4
MÉXICO													
1- ALIMENTOS	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	33.3	27.7	10.8	5.8	6.6	15.0	6.0	7.4	14.9	6.0	7.4	6.0	14.9
3- COMBUSTÍVEIS	0.0	13.8	3.9	4.8	4.3	2.9	4.8	4.6	3.0	4.8	4.6	4.8	3.0
4- MINERAIS E METAIS	16.7	6.7	13.6	2.8	3.1	2.0	2.8	3.1	2.0	2.8	3.1	2.8	2.0
5- MANUFATURAS	50.0	47.7	71.1	80.3	78.0	67.3	80.1	77.2	67.4	80.1	77.2	80.1	67.4
6- NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	0.0	0.1	0.1	0.0	0.1	0.1	0.0	0.1	0.1	0.1	0.0
PARAGUAI													
1- ALIMENTOS	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	33.3	23.5	7.7	18.8	16.9	15.5	22.0	16.4	11.7	22.0	16.4	22.0	11.7
3- COMBUSTÍVEIS	0.0	0.0	0.3	0.0	0.0	0.3	0.0	0.0	0.3	0.0	0.0	0.0	0.3
4- MINERAIS E METAIS	22.2	5.9	32.9	12.5	16.9	22.6	14.6	14.5	27.7	14.6	14.5	14.6	27.7
5- MANUFATURAS	11.1	11.8	4.4	3.1	3.1	0.9	4.9	6.6	2.6	4.9	6.6	4.9	2.6
6- NÃO CLASSIFICADOS	33.3	58.8	54.7	62.5	59.3	60.4	56.1	59.2	57.7	56.1	59.2	56.1	57.7
6- NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	0.0	3.1	1.7	0.0	2.4	1.3	0.0	2.4	1.3	2.4	0.0

QUADRO No. 15 (Cont.)

PAISES E	INTRA-REGIONAIS						RESTO DO MUNDO						GLOBAIS			
	1962	1970	1980	1982	1970	1980	1962	1970	1980	1982	1962	1970	1980	1982	1975	1980
PERU																
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRICOLAS	40,0	62,0	24,1	11,3	11,3	11,3	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0
3 - COMBUSTIVEIS	6,0	6,5	5,6	2,6	3,1	3,1	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3
4 - MINERAIS E METAIS	14,0	6,5	3,7	2,2	1,4	1,4	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2	2,2
5 - MANUFATURAS	2,0	4,6	10,2	7,3	9,0	9,0	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3	7,3
6 - NAO CLASSIFICADOS	10,0	20,0	51,3	75,8	75,2	75,2	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6	69,6
	0,0	0,0	0,0	0,6	0,0	0,0	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
URUGUAI																
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRICOLAS	35,6	29,7	15,7	3,8	4,4	4,4	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5
3 - COMBUSTIVEIS	17,8	14,9	6,7	2,7	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1	3,1
4 - MINERAIS E METAIS	20,7	4,1	16,9	5,7	12,0	12,0	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7	5,7
5 - MANUFATURAS	2,2	20,2	11,7	8,6	3,6	3,6	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4
6 - NAO CLASSIFICADOS	15,6	29,7	77,0	69,6	60,6	60,6	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1
	2,2	1,4	0,0	6,5	6,3	6,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
VENEZUELA																
1 - ALIMENTOS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2 - MATERIAS-PRIMAS AGRICOLAS	47,1	23,0	15,3	15,5	9,9	9,9	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0	14,0
3 - COMBUSTIVEIS	11,8	5,4	5,9	3,8	3,4	3,4	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3
4 - MINERAIS E METAIS	0,0	0,0	0,0	0,0	1,2	1,2	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7
5 - MANUFATURAS	5,9	17,6	9,7	9,3	9,1	9,1	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6	9,6
6 - NAO CLASSIFICADOS	35,3	54,1	68,6	69,7	75,7	75,7	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9	72,9
	0,0	0,0	0,0	0,9	0,4	0,4	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

//

Os conjuntos de produtos importados da região e de terceiros países que eram, ao contrário dos de exportação, bastante diferentes em 1962, tenderam a ser mais similares em 1980, embora ainda possuam diferenças significativas. As importações de manufaturas passaram de 73% a 62% das importações de terceiros países e de 10% a 39% das importações da região. Os combustíveis ganharam participação nas importações do resto do mundo -de 5% a 17%- e a perderam nas importações da região -de 33 a 21%- . Os alimentos e matérias-primas agrícolas perderam participação nas importações da região -de 40% a 26%- e a mantiveram ao redor de 12% nas importações de terceiros países.

Em cada um dos onze países as manufaturas ganharam participação no conjunto das importações da região e perderam alguma participação nas importações do resto do mundo. No entanto, a ponderação das manufaturas nas importações da região é ainda muito diferente através dos países:

Participação das manufaturas nas importações

	1962		1980	
	Da região	Do resto mundo	Da região	Do resto mundo
	(%)	(%)	(%)	(%)
Argentina	7,9	78.0	41.5	79.4
Bolívia	31.3	68.3	52.4	82.0
Brasil	3.0	63.8	18.8	42.5
Colômbia	28.6	73.2	34.6	68.5
Chile	8.8	73.6	32.0	67.3
Equador	66.7	74.5	68.0	70.8
México	50.0	80.3	71.1	67.3
Paraguai	33.3	62.5	54.7	60.4
Peru	10.0	75.8	51.3	69.8
Uruguai	15.6	68.6	47.0	55.1
Venezuela	35.3	69.7	68.6	72.9
<u>Média</u>	9.7	73.0	39.3	62.1

As manufaturas ocuparam em 1980 o primeiro lugar nas importações da região (embora esta afirmação não seja válida individualmente para o Brasil e o Chile). Não obstante, os países adquirem ainda a maioria das manufaturas importadas de países extra-regionais. Em 1980 a região forneceu apenas 8.3% das importações de manufaturas.

A participação da região como fornecedora nas importações totais é muito maior para outros itens. Em 1980, os países compraram na região 14.7% de suas importações de combustíveis, 22.2% de suas importações de alimentos, 26.5% das matérias-primas agrícolas importadas e 19.1% dos minérios e metais importados. A média de compras na região por dólar importado nesse ano foi 12.5 centavos.

//

me

//

Da análise realizada da estrutura das exportações e importações podem ser destacadas as seguintes conclusões:

- a) A importância que chegou a alcançar o mercado regional para os exportadores regionais de manufaturas.
- b) A perda de participação dos combustíveis no comércio intra-regional, o que indica que o rápido crescimento deste não se originou no aumento dos preços dos combustíveis senão, em geral, em um incremento no intercâmbio real de bens.
- c) A crescente participação da própria região nas exportações de minérios e metais.
- d) O baixo dinamismo do comércio de produtos agrícolas, tanto dentro da região como para terceiros países.

O principal resultado de todas as mudanças descritas no conjunto de exportações e importações é o documento no grau de suficiência da região quanto ao fornecimento de manufaturas. Entretanto, deve-se ter presente que em 1980 ainda foi a região basicamente exportadora de alimentos, combustíveis e minérios, e importadora de manufaturas. O intercâmbio com o resto do mundo gerou superávit nos três primeiros grupos de produtos e um déficit de 37 bilhões de dólares no último. Isso se deve em boa parte a que o intercâmbio comercial de manufaturas se orientou mais a substituir importações em nível regional que a gerar exportações para terceiros países. Olhando isto desde outro ponto de vista, poderia dizer-se que boa parte do êxito das políticas de promoção de exportações adiantadas por muitos países da região se deve ao aproveitamento do próprio mercado regional.

//

ESTRUTURA DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL DOS PAÍSES-MEMBROS
POR GRUPOS DE PRODUTOS E ANOS

1962-1970-1980

(em percentagens de valores totais)

PAÍSES	ALIMENTOS		MATÉRIAS P.M.I. AGRÍCOLAS		COMBUSTÍVEIS		MINERAIS E METAIS		MANUFATURAS		NÃO CLASSIFICADOS							
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980						
EXPORTAÇÕES (FOB)																		
TOTAL MILHÕES DE US\$	190	400	2.136	70	150	475	182	160	2.155	49	202	1.399	53	346	4.733	1	14	33
Distribuição percentual																		
Argentina	65,8	53,8	41,0	10,0	14,7	10,3	4,4	3,1	4,3	4,1	7,4	5,9	20,8	31,5	15,8	0,0	0,0	3,0
Bolívia	0,0	0,3	1,9	0,0	1,3	4,2	0,5	6,3	7,2	0,0	3,0	9,9	1,9	0,0	0,3	0,0	21,4	27,3
Brasil	21,6	19,0	17,8	31,4	30,7	19,6	0,0	1,3	6,4	6,1	30,7	22,3	20,8	28,0	53,5	0,0	71,4	3,0
Colômbia	1,1	7,3	7,6	1,4	4,0	2,1	2,2	18,1	0,6	0,0	0,5	0,2	5,7	5,2	7,5	0,0	0,0	33,3
Chile	2,6	3,3	9,4	2,9	16,0	36,6	0,0	0,0	0,8	46,9	32,7	35,7	20,8	9,5	4,4	100,0	7,1	24,2
Equador	2,6	4,0	7,2	0,0	0,7	0,4	0,0	0,6	10,5	0,0	0,0	0,0	1,9	0,5	1,3	0,0	0,0	0,0
México	0,5	0,8	0,8	2,9	4,0	3,4	0,0	0,0	8,4	16,3	8,4	3,8	18,5	18,8	6,9	0,0	0,0	0,0
Paraguai	2,1	2,3	2,2	10,0	8,7	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,8	0,0	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Peru	2,6	6,5	3,1	35,7	10,7	6,5	2,7	0,5	1,6	26,5	6,4	1,0	1,9	2,5	3,8	0,0	0,0	9,1
Uruguai	1,1	3,0	8,8	5,7	2,3	2,5	0,5	0,0	0,0	0,0	1,0	1,0	3,8	1,2	1,6	0,0	0,0	0,0
Venezuela	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	89,6	70,0	60,0	0,0	9,9	4,2	3,8	1,2	1,6	0,0	0,0	0,0
IMPORTAÇÕES (CIF)																		
TOTAL MILHÕES DE US\$	234	466	2.158	85	176	531	208	146	2.187	49	205	1.392	62	352	4.116	1	6	81
Distribuição percentual																		
Argentina	14,1	16,5	15,8	47,1	54,5	41,4	25,0	23,3	17,3	30,6	46,3	22,3	19,4	20,7	21,6	0,0	0,0	1,2
Bolívia	3,0	2,4	2,7	1,2	0,0	1,4	1,4	0,7	0,1	0,0	1,5	1,4	8,1	3,4	3,0	0,0	0,0	34,6
Brasil	34,2	30,5	40,3	3,5	2,3	15,6	56,7	40,4	40,8	57,1	19,0	41,4	11,3	17,0	13,6	0,0	83,3	0,0
Colômbia	2,1	4,3	4,8	5,9	7,4	8,5	0,0	0,7	8,6	0,0	10,2	8,4	6,5	6,8	5,9	0,0	0,0	1,2
Chile	20,1	18,5	16,1	24,7	17,6	6,8	6,7	15,8	20,9	2,0	2,4	3,6	12,9	12,2	10,8	0,0	0,0	63,0
Equador	0,0	0,4	0,6	1,2	0,6	1,5	0,0	9,6	1,6	0,0	1,5	1,9	3,2	4,3	4,4	0,0	0,0	0,0
México	0,9	3,9	3,4	0,0	5,1	4,9	0,0	2,1	0,2	2,0	2,0	6,6	4,8	8,8	11,7	0,0	0,0	0,0
Paraguai	1,3	0,9	1,1	0,0	0,0	0,2	1,0	0,7	4,5	2,0	1,0	0,9	4,8	2,8	4,0	0,0	0,0	0,0
Peru	14,1	14,4	5,1	4,7	4,0	4,1	3,4	4,8	0,6	2,0	2,4	2,8	8,1	6,3	4,8	0,0	0,0	0,0
Uruguai	6,8	4,7	4,2	9,4	5,3	7,3	5,8	2,1	5,0	2,0	7,3	4,9	11,3	6,3	6,6	100,0	16,7	0,0
Venezuela	3,4	3,6	5,9	2,4	2,3	9,2	0,0	0,0	0,2	2,0	6,3	5,7	9,7	11,4	13,8	0,0	0,0	0,0

- 52 -
 QUADRO No. 17

ESTRUTURA DO COMÉRCIO EXTERIOR DOS PAÍSES-MEMBROS COM O
 RESTO DO MUNDO POR GRUPOS DE PRODUTOS E ANOS
 1962-1970-1980

(Em percentagens de valores totais)

PAÍSES	ALIMENTOS			MATÉRIAS PR. AGRÍCOLAS			COMBUSTÍVEIS			MINERAIS E METAIS			MANUFATURAS			NÃO CLASSIFICADOS		
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980
EXPORTAÇÕES (FOB)																		
TOTAL MILHÕES DE US\$	2.653	4.573	19.487	855	731	2.403	2.340	2.902	28.538	1.076	2.393	7.937	232	704	7.992	14	38	484
Distribuição percentual																		
Argentina	28,2	24,1	21,8	32,2	23,3	18,8	0,2	0,1	0,6	0,7	0,9	3,0	11,6	15,5	12,1	0,0	0,0	0,6
Bolívia	0,1	0,1	0,2	0,0	0,3	1,0	0,0	0,0	0,0	6,1	8,0	7,1	1,3	1,0	0,1	7,1	2,6	2,5
Brasil	31,1	36,2	45,0	20,7	37,1	29,3	0,3	0,5	0,9	9,6	13,1	31,0	10,3	23,7	50,6	14,3	42,1	56,8
Colômbia	13,5	11,3	13,5	2,2	5,3	7,4	2,8	1,5	0,4	0,1	0,2	0,1	4,7	5,5	5,3	21,4	21,1	3,7
Chile	1,1	1,0	2,4	0,9	1,6	1,9	0,0	0,0	0,1	40,8	42,5	31,0	3,0	2,4	2,4	35,7	15,8	25,7
Equador	4,1	3,6	3,3	0,2	0,7	1,0	0,0	0,0	4,7	0,0	0,0	0,0	0,4	0,1	0,1	7,1	0,0	0,2
México	10,9	10,4	9,7	22,0	14,2	13,9	1,7	1,3	33,4	13,1	7,1	6,9	40,9	42,0	20,8	7,1	2,6	0,4
Paraguai	0,6	0,7	0,4	0,5	0,7	3,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,7	0,6	0,1	0,0	0,0	0,0
Peru	7,6	9,4	2,3	10,2	6,2	3,9	0,3	0,2	2,2	18,0	20,6	15,0	1,3	1,0	4,0	0,0	10,5	9,1
Uruguai	1,7	2,2	1,1	1,0	10,1	3,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,6	4,3	2,7	0,0	0,0	0,0
Venezuela	1,3	1,2	0,3	0,1	0,5	0,1	94,7	95,4	57,6	11,7	7,5	6,0	22,0	3,8	1,8	7,1	5,3	0,0
IMPORTAÇÕES (CIF)																		
TOTAL MILHÕES DE US\$	600	739	7.584	238	337	1.474	297	577	12.685	565	1.123	5.877	4.707	7.882	45.566	45	64	223
Distribuição percentual																		
Argentina	3,3	2,7	3,4	18,5	15,7	11,6	13,5	8,4	5,6	28,1	24,6	10,1	19,9	11,6	14,6	4,4	10,9	2,2
Bolívia	3,0	2,8	0,7	0,8	0,3	0,4	0,3	0,2	0,0	0,9	0,8	0,5	1,2	1,2	1,1	0,0	1,6	4,5
Brasil	27,0	22,7	20,2	17,6	14,2	12,1	46,8	57,5	78,0	17,3	21,8	22,0	16,8	21,7	21,1	4,4	23,4	8,1
Colômbia	6,3	5,5	5,8	10,1	7,1	6,0	5,7	1,4	3,0	8,7	6,9	5,3	8,2	7,7	6,0	28,9	14,1	14,8
Chile	8,8	6,8	5,6	4,6	3,9	3,8	6,4	6,1	3,8	4,8	4,6	2,2	6,6	7,5	5,5	2,2	4,7	57,8
Equador	2,2	2,6	2,1	0,8	2,1	2,4	0,7	0,5	1,5	1,2	2,0	3,1	1,5	2,3	3,1	0,0	3,1	4,0
México	11,0	22,1	33,9	23,1	30,9	33,9	10,8	13,3	2,8	12,4	16,4	37,0	19,4	23,7	25,3	2,2	3,1	3,6
Paraguai	1,0	1,4	0,6	0,0	0,0	0,1	1,3	1,8	0,6	0,2	0,3	0,1	0,4	0,4	0,4	2,2	1,6	0,0
Peru	9,3	7,8	5,2	5,5	4,7	3,4	3,7	1,3	0,4	6,4	4,1	2,7	8,0	4,9	3,4	8,9	0,0	2,2
Uruguai	1,2	0,9	0,4	2,1	2,4	2,2	6,1	5,6	2,8	2,8	0,5	0,8	2,7	1,2	1,2	26,7	15,6	0,0
Venezuela	26,8	24,6	22,0	16,8	18,7	18,2	2,7	3,9	1,5	17,2	14,9	16,2	15,4	17,7	18,3	20,0	21,9	2,7

QUADRO No. 18

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS NAS EXPORTAÇÕES GLOBAIS DOS
PAÍSES-MEMBROS E DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
1962-1970-1980

(Em percentagens de valores em milhões de dólares FOB)

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS			DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO			PERCENTAGEM DO INCRE- MENTO INTRA-REGIONAL SOBRE INCREMENTO GLOBAL	
	GLOBAIS			RESTO DO MUNDO			GLOBAIS	
	1962	1970	1980	1970/67	1980/70	1970/67	1970/67	1980/70
ARGENTINA								
1- ALIMENTOS	12,6	20,7	23,0	100,0	100,0	100,0	100,0	30,2
2- MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	15,3	18,3	16,8	44,3	44,0	74,9	62,2	17,0
3- COMBUSTÍVEIS	2,5	11,5	9,6	7,0	1,8	16,2	4,9	6,8
4- MINERAIS E METAIS	61,5	62,5	37,5	1,4	5,9	0,9	4,3	60,0
5- MANUFATURAS	22,7	41,7	23,7	8,1	8,5	8,8	4,5	23,7
6- NÃO CLASSIFICADOS	28,9	50,0	47,0	40,0	43,0	32,3	23,9	54,4
	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0
BOLÍVIA								
1- ALIMENTOS	2,7	9,8	36,7	100,0	100,0	100,0	100,0	12,9
2- MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	0,0	16,7	50,0	5,0	10,9	2,0	7,2	20,0
3- COMBUSTÍVEIS	0,0	20,0	45,0	10,0	5,0	5,0	5,0	50,0
4- MINERAIS E METAIS	100,0	100,0	95,1	40,9	40,9	1,2	1,2	100,0
5- MANUFATURAS	0,0	3,0	15,9	30,0	37,5	82,3	62,3	4,5
6- NÃO CLASSIFICADOS	25,0	0,0	60,0	5,0	4,2	0,7	2,2	83,3
	0,0	75,0	42,9	1,7	1,7	1,9	2,1	100,0
BRASIL								
1- ALIMENTOS	6,3	11,0	17,2	100,0	100,0	100,0	100,0	14,8
2- MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	4,7	4,4	4,1	15,6	9,8	56,8	43,6	4,0
3- COMBUSTÍVEIS	11,1	16,9	11,7	14,7	1,2	8,3	2,7	6,1
4- MINERAIS E METAIS	0,0	12,5	35,3	0,9	4,3	0,6	2,2	36,3
5- MANUFATURAS	31,4	36,7	39,5	26,2	7,9	17,7	13,8	10,4
6- NÃO CLASSIFICADOS	0,0	38,5	0,4	38,2	77,2	15,0	36,3	38,6
				4,4	0,3	1,1	1,4	41,7
COLÔMBIA								
1- ALIMENTOS	2,1	11,3	14,0	100,0	100,0	100,0	100,0	14,6
2- MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	0,6	5,3	5,7	37,0	28,4	61,6	71,2	5,6
3- COMBUSTÍVEIS	5,0	13,3	5,3	6,8	0,9	10,2	4,4	2,6
4- MINERAIS E METAIS	0,0	39,7	11,5	34,2	3,4	10,7	1,2	62,0
5- MANUFATURAS	21,4	31,6	45,6	20,5	71,4	14,3	22,3	50,0
6- NÃO CLASSIFICADOS	0,0	0,0	37,9	0,0	2,3	2,6	0,7	48,7
								52,4
CHILE								
1- ALIMENTOS	7,9	11,1	23,6	100,0	100,0	100,0	100,0	13,5
2- MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	14,9	22,8	29,4	8,4	19,4	3,1	16,1	30,0
3- COMBUSTÍVEIS	20,0	66,7	37,9	23,2	13,5	0,7	12,2	35,5
4- MINERAIS E METAIS	5,0	0,0	28,8	0,0	0,0	1,7	1,7	26,5
5- MANUFATURAS	61,1	60,0	51,9	23,2	17,9	4,6	10,0	23,2
6- NÃO CLASSIFICADOS	10,7	14,3	5,8	0,0	0,7	0,1	3,6	49,9
								5,4

61

Quadro No. 18 (Cont.)

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO						PERCENTAGEM DO INCRE- MENTO INTRA-REGIONAL SOBRE INCREMENTO GLOBAL			
	INTRA-REGIONAIS			RESTO DO MUNDO			GLOBAIS			
	1962	1970	1980	1970/62	1980/70	1980/70	1970/62	1980/70		
EQUADOR										
1 - ALIMENTOS	5.1	10.5	18.1	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	19.4	17.7
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	4.4	8.9	19.0	78.6	32.2	94.8	41.7	27.0	16.7	21.6
3 - COMBUSTÍVEIS	0.0	16.7	7.4	7.1	0.2	5.2	5.6	0.9	25.0	4.6
4 - MINERAIS E METAIS	0.0	100.0	14.5	7.1	52.8	0.0	71.8	1.4	100.0	14.5
5 - MANUFATURAS	0.0	0.0	45.0	0.0	0.0	1.7	1.4	0.2	0.0	50.0
6 - NÃO CLASSIFICADOS	50.0	66.7	86.3	7.1	14.3	0.0	0.0	3.1	100.0	67.1
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.7	1.4	0.0	0.0	0.0
MÉXICO										
1 - ALIMENTOS	2.7	7.8	4.1	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	17.5	3.8
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	0.0	0.0	0.0	2.9	3.0	26.4	47.0	10.9	1.1	3.0
3 - COMBUSTÍVEIS	3.1	5.5	4.6	5.7	2.0	25.5	2.0	3.8	0	4.5
4 - MINERAIS E METAIS	0.0	0.0	1.9	0.0	36.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
5 - MANUFATURAS	5.4	9.1	8.6	12.9	7.1	6.5	6.3	3.1	24.3	6.7
6 - NÃO CLASSIFICADOS	9.5	18.0	16.5	78.6	51.4	20.9	64.0	12.1	21.5	10.1
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PARAGUAI										
1 - ALIMENTOS	32.4	37.5	45.5	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	43.3	47.0
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	21.1	22.5	37.3	38.5	31.6	94.1	70.0	31.3	23.8	43.1
3 - COMBUSTÍVEIS	63.6	72.2	43.6	46.2	47.0	5.5	23.3	56.1	65.7	39.9
4 - MINERAIS E METAIS	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
5 - MANUFATURAS	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0.0	33.3	73.0	15.4	21.4	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PERU										
1 - ALIMENTOS	9.2	5.9	17.4	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	2.4	22.7
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	2.4	5.7	12.8	17.0	7.8	46.3	45.4	2.7	8.4	66.7
3 - COMBUSTÍVEIS	22.3	26.2	24.8	75.0	2.9	8.5	10.1	2.6	17.6	23.4
4 - MINERAIS E METAIS	38.5	14.3	5.2	33.3	6.6	1.4	3.2	29.4	66.7	5.1
5 - MANUFATURAS	6.3	2.6	16.5	0.0	43.3	61.0	55.5	40.5	0.0	24.3
6 - NÃO CLASSIFICADOS	40.0	46.2	39.2	33.3	30.4	0.0	1.6	22.9	50.0	39.1
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.6	0.0	0.0
URUGUAI										
1 - ALIMENTOS	5.2	12.5	37.2	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	26.6	44.1
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	4.2	10.8	45.1	47.6	47.9	93.1	61.0	36.8	19.6	57.6
3 - COMBUSTÍVEIS	100.0	6.3	5.2	4.8	1.9	34.5	24.1	18.5	0	4.6
4 - MINERAIS E METAIS	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.3	0.0	100.0	0
5 - MANUFATURAS	14.3	25.0	45.2	9.5	3.3	0.0	2.5	1.6	100.0	92.3
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	100.0	42.9	46.0	41.4	41.6	42.6	27.3	47.5
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.6	0.0	0.0	0.4	0.0	100.0
VENEZUELA										
1 - ALIMENTOS	6.4	4.3	7.7	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	0	6.2
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	0.0	0.0	8.1	0.0	0.5	2.6	3.0	0.1	0.0	20.6
	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.5	0.5	0.0	0.0	0.0

Quadro No. 18 (Cont.)

PAISES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS				DISTRIBUICAO DO INCREMENTO				PERCENTAGEM DO INCRE- MENTO INTRA-REGIONAL	
	1970		1980		RESTO DO MUNDO		GLOBAIS		SOBRE INCREMENTO GLOBAL	
	1970/62	1980/70	1970/62	1980/70	1970/62	1980/70	1970/62	1980/70	1970/62	1980/70
3- COMBUSTIVEIS	6.9	3.9	7.3	91.1	91.0	97.7	67.6	90.7	*	6.0
4- MINERAIS E METAIS	6.0	10.0	11.0	3.0	6.7	2.1	12.4	2.2	26.7	11.7
5- MANUFATURAS	3.8	12.9	34.9	5.5	3.7	0.9	3.0	1.2	*	35.6
6- NAO CLASSIFICADOS	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.2	0.0	0.0	0.0
TOTAL REGIAO										
1- ALIMENTOS	7.1	10.1	14.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
2- MATERIAS-PRIMAS AGRICOLAS	6.7	8.0	9.7	5.0	4.0	27.3	4.5	23.0	9.9	10.7
3- COMBUSTIVEIS	7.6	17.0	16.5	3.4	3.0	3.0	0.5	3.0	*	14.7
4- MINERAIS E METAIS	7.7	5.2	7.0	2.7	1.9	4.9	1.0	4.2	*	7.2
5- MANUFATURAS	4.4	7.2	15.0	12.4	3.1	9.9	3.0	10.3	10.4	17.6
6- NAO CLASSIFICADOS	10.6	33.0	37.2	40.3	17.1	13.1	15.0	17.8	36.3	27.0
	6.7	20.4	6.4	0.2	0.0	0.0	0.0	0.7	25.1	4.1

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informacao e Estudos. Departamento de Estudos Gerais.

QUADRO No. 19

PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS NAS IMPORTAÇÕES GLOBAIS DOS PAÍSES-MEMBROS E DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS 1962-1970-1980

(Em percentagens de valores em milhões de dólares CIF)

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS			DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO			PERCENTAGEM DO INCRE- MENTO INTRA-REGIONAL SOBRE INCREMENTO GLOBAL		
	GLOBAIS			RESTO DO MUNDO			GLOBAIS		
	1962	1970	1980	1970/62	1980/70	1980/70	1970/62	1980/70	1980/70
ARGENTINA									
1 - ALIMENTOS	11,2	22,1	20,3	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	25,2
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	67,3	79,4	57,0	19,7	14,9	0,0	12,9	5,7	100,0
3 - COMBUSTÍVEIS	47,6	64,4	56,3	25,1	7,0	7,6	19,0	2,7	80,2
4 - MINERAIS E METAIS	50,4	42,0	34,9	6,1	19,6	5,9	3,2	11,4	163,6
5 - MANUFATURAS	6,6	25,6	34,3	35,9	12,2	98,5	57,6	6,0	40,6
6 - NÃO CLASSIFICADOS	1,3	7,4	11,7	23,4	48,2	16,0	1,3	7,4	14,2
	0,0	0,0	16,7	0,0	0,1	4,7	0,0	0,0	0,0
BOLÍVIA									
1 - ALIMENTOS	16,3	17,1	28,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	15,3
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	26,0	34,4	51,5	30,4	33,3	0,1	41,7	1,3	57,4
3 - COMBUSTÍVEIS	35,3	0,0	25,0	5,1	1,0	2,0	3,3	0,0	50,0
4 - MINERAIS E METAIS	75,0	50,0	28,6	16,5	0,5	0,0	0,7	0,0	20,0
5 - MANUFATURAS	0,0	25,0	39,2	77,3	6,3	6,2	21,7	5,8	42,9
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0,0	10,9	19,9	63,6	53,6	65,7	61,7	7,7	14,3
	0,0	0,0	73,7	0,0	13,6	2,0	1,7	5,5	0,0
BRASIL									
1 - ALIMENTOS	16,0	10,8	11,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	5,3
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	33,1	45,6	36,2	64,9	27,2	0,5	5,0	9,2	91,2
3 - COMBUSTÍVEIS	6,7	7,7	23,7	1,4	3,0	0,5	0,5	1,5	14,3
4 - MINERAIS E METAIS	44,9	15,0	6,3	31,2	80,8	13,5	6,4	45,7	0
5 - MANUFATURAS	22,2	12,0	30,6	15,1	20,1	13,9	14,0	6,8	5,7
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0,0	3,4	5,5	72,6	18,7	70,7	70,8	37,0	5,5
	0,0	25,0	0,0	6,8	0,2	1,0	1,3	0,0	27,8
COLÔMBIA									
1 - ALIMENTOS	2,6	9,4	14,9	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	21,5
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	11,6	32,6	15,1	23,1	13,6	1,3	5,9	12,7	63,3
3 - COMBUSTÍVEIS	17,7	35,1	33,8	12,3	5,2	0,0	2,0	2,5	100,0
4 - MINERAIS E METAIS	0,0	11,1	93,3	1,5	30,4	3,8	2,0	14,6	0
5 - MANUFATURAS	1,0	21,2	27,4	32,3	15,5	12,2	7,2	6,6	42,0
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0,0	3,8	6,2	30,8	35,1	92,0	78,9	60,9	8,4
	0,0	0,0	2,9	0,0	0,2	1,7	1,3	0,7	0,0
CHILE									
1 - ALIMENTOS	17,9	20,2	27,1	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	23,2
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	47,0	63,2	45,1	40,2	21,8	0,9	6,6	15,1	108,3
3 - COMBUSTÍVEIS	65,6	70,5	39,1	10,3	0,4	0,6	2,9	1,1	83,3
4 - MINERAIS E METAIS	42,4	40,4	48,5	9,3	34,3	4,7	5,7	21,2	37,5
5 - MANUFATURAS	3,6	8,8	28,1	4,1	3,8	7,8	2,9	2,9	13,8
	2,5	6,8	15,0	36,1	33,5	97,2	75,4	55,5	11,1
				4,2	4,2	0,6	0,5	4,2	0,0

Quadro No. 19 (Cont.)

PAÍSES E GRUPOS DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAIS				DISTRIBUIÇÃO DO INCREMENTO						PERCENTAGEM DO INCRE- MENTO INTRA-REGIONAL SOBRE INCREMENTO GLOBAL			
	1970		1980		1970/82		1980/70		1970/82		1980/70		1970/82	
	1962	1970	1980	1980	1970/82	1980/70	1970/82	1980/70	1970/82	1980/70	1970/82	1980/70	1970/82	1980/70
3 - COMBUSTÍVEIS	0,0	0,0	2,0	2,0	0,0	0,0	0,5	0,5	1,5	1,5	1,6	1,7	0,0	0,0
4 - MINERAIS E METAIS	1,0	7,2	7,7	7,7	21,1	8,9	6,8	6,2	6,2	9,6	5,3	5,3	14,6	7,8
5 - MANUFATURAS	0,8	2,8	6,4	6,4	59,6	70,0	43,4	72,4	72,4	61,8	72,3	72,3	4,9	7,1
6 - NÃO CLASSIFICADOS	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0
TOTAL REGIÃO	9,0	11,2	17,5	17,5	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	14,5	17,7
1 - ALIMENTOS	28,1	55,7	22,2	22,2	32,6	18,6	9,3	10,4	10,4	7,5	11,4	11,4	62,5	14,6
2 - MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	24,3	34,3	26,5	26,5	12,6	1,4	2,3	1,8	1,8	3,8	4,1	4,1	47,9	23,8
3 - COMBUSTÍVEIS	41,7	20,8	14,7	14,7	8,7	21,4	6,1	19,3	6,1	4,0	19,7	19,7	*	14,4
4 - MINERAIS E METAIS	6,0	1,4	19,1	19,1	21,9	13,0	13,1	7,0	7,0	14,4	8,3	8,3	21,8	20,0
5 - MANUFATURAS	1,3	4,3	8,3	8,3	40,7	41,3	74,7	20,1	20,1	69,8	51,7	51,7	8,4	4,1
6 - NÃO CLASSIFICADOS	2,2	6,0	26,6	26,6	0,7	0,6	0,4	0,3	0,3	0,5	0,5	0,5	20,8	32,1

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos. Departamento de Estudos Gerais.

//

VII. SALDOS DA BALANÇA COMERCIAL 1962-1980

Neste capítulo é feita uma análise do comportamento dos saldos da balança comercial dos onze países como a região e com o resto do mundo entre 1962 e 1980. Em estrito sentido econômico, este tipo de análise teria pouca utilidade. Efetivamente, para avaliar a posição de um país dentro do sistema de pagamentos internacionais, não basta olhar os saldos do país em questão com somente um grupo de países no mundo, ou apenas o saldo de sua balança comercial ou inclusive o de sua conta corrente. Teria de ser analisado o balanço de pagamentos e, além disto, sua balança de dívidas. Em outras palavras, o correto enfoque para analisar a situação de pagamentos de um país não pode ser bilateral nem parcial, senão multilateral e global.

Entretanto, no contexto de uma união aduaneira ou de um esquema de integração econômica, tem algum sentido a análise das balanças comerciais mesmo em forma bilateral, pelas seguintes razões:

- a) Os saldos da balança comercial são frequentemente utilizados como um critério de negociação na obtenção de concessões.
- b) As importações imputáveis às preferências podem resultar com um sobrepreço frente às que se poderiam fazer de terceiros países. Por isso, no comércio preferencial os países tentarão ser exportadores básicos e não importadores básicos.

Feitas essas precisões, é feita uma análise do comportamento das balanças comerciais no intercâmbio regional e se trata de estabelecer até que ponto estas são determinadas ou não pelos mesmos fatores que afetam as balanças com o resto do mundo.

O primeiro a destacar é que a região em conjunto teve sistematicamente superávit na balança comercial frente ao resto do mundo na década de 60, e déficit na década de 70. A partir de 1971, a região começou a gerar déficit em sua balança comercial, que chegou a 6.200 bilhões de dólares diante do resto do mundo em 1980.

Levando em consideração que a região é exportadora básica de combustíveis, cujos preços reais cresceram substancialmente na década de 70, é evidente que este comportamento da balança comercial não se explica pela evolução dos termos de intercâmbio, que foi favorável nessa década, senão apesar dessa evolução.

A explicação mais plausível desde comportamento da balança comercial da região parece estar na variação das condições do crédito externo nos anos 70, em comparação com as dos anos 60. Durante a década de 60 o crédito externo em geral, e o proveniente de fontes privadas em particular, foi escasso para a América Latina. Assim, para compensar os saldos negativos na conta de serviços ou o baixo fluxo líquido de capital, os países da região tiveram de tratar de gerar sistematicamente superávit na balança comercial.

Na década de 70 o crédito externo, incluindo o de fontes privadas tal como o mercado de eurodólares, tornou-se mais disponível para os países da América Latina. Isso permitiu financiar um rápido crescimento das importações que teve como resultado uma tendência a gerar déficit na balança comercial.

jcg

//

Entretanto, a média deste comportamento da região nem sempre é aplicável a cada um dos países separadamente. As exceções mais notáveis são o México e a Venezuela, que se localizam nos extremos opostos. O México tendeu sistematicamente a gerar um déficit comercial financiado com superávit nos serviços ou com entradas líquidas de capital, nas duas décadas passadas. A Venezuela tendeu, pelo contrário, a gerar um superávit comercial compensado por déficit de serviços, saídas líquidas de capital ou incrementos das reservas.

Depois desta tentativa de generalização sobre o comportamento das balanças comerciais, passa-se a observar o desempenho da balança comercial com a região frente à da balança com o resto do mundo, país por país.

A primeira pergunta que se está tentando formular neste contexto é: até que ponto a balança comercial de um país com seus sócios é o resultado de eventos e políticas gerais de seu comércio exterior (política cambial, termos de intercâmbio, etc.), mais que de circunstâncias particulares ao intercâmbio regional (desgravação, convênios bilaterais, etc.)?

A fim de tentar responder a pergunta foi feita uma correlação para cada país entre sua balança comercial com os países da região e sua balança comercial com o resto do mundo (ver Quadro no. 20). Para 8 dos países a correlação foi positiva: para 2, muito baixa e somente para um país foi negativa. Isto parece indicar que para a maioria dos países os fatores fundamentais que determinaram sua balança comercial com a região são as políticas e condições gerais de seu comércio exterior, mais que os mecanismos específicos do Tratado de Montevideu.

O coeficiente de correlação entre a balança comercial regional e com o resto do mundo no período 1962-1980 é 0.75 para a Argentina. Ao longo dos 19 anos considerados, há maioria de anos com superávit regional e extra-regional, e ambos tendem a coincidir.

Para o México o coeficiente de correlação é 0.52. Como já foi dito, a tendência neste país tem sido gerar déficit comercial tanto com a região como com o resto do mundo, o qual foi compensado pela conta serviços e pelas entradas líquidas de capital.

O Paraguai tem um coeficiente de correlação de 0.82. No caso deste país predominou a tendência ao déficit comercial, tanto com a região como com o resto do mundo.

O coeficiente do Peru também é 0.82. Este país tem maioria de anos com superávit comercial, tanto com a região como com o resto do mundo.

O Uruguai tem um coeficiente de 0.71, e em seu caso predominam os anos com déficit ante a região e ante o resto do mundo.

A Venezuela tem um coeficiente de correlação de 0.59. A tendência neste país tem sido, como já foi dito, gerar superávit comercial tanto como o resto do mundo como com a região.

A Bolívia e o Equador têm coeficientes positivos, embora de valores moderados (0,38 e 0,43). A correlação das balanças comerciais é positiva, ainda que não muito forte. A Bolívia tem superávit comercial com o resto do mundo em 14 dos 19 anos e somente em 8 deles tem superávit com a região. O Equador tem superávit com o resto do mundo em 9, e com a região em 11 dos anos considerados.

//

QUADRO No. 20

BALANÇA COMERCIAL COM A REGIÃO E COM O RESTO DO MUNDO
1962-1980: COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO POR PAÍS

<u>PAÍS</u>	<u>Coefficiente de correlação</u> <u>entre ambas balanças</u>
Argentina	+ 0.75
Bolívia	+ 0.38
Brasil	- 0.61
Colômbia	+ 0.16
Chile	+ 0.11
Equador	+ 0.43
México	+ 0.52
Paraguai	+ 0.82
Peru	+ 0.82
Uruguai	+ 0.71
Venezuela	+ 0.59

O coeficiente de correlação para a Colômbia é 0.16, e para o Chile 0.11. Estes são os únicos países em que os resultados das balanças comerciais com a região e com o resto do mundo tenderam a situar-se aleatoriamente, sem maior relação entre si.

O único país com um coeficiente negativo de correlação (-0.61) é o Brasil. Em 12 dos 19 anos, as balanças comerciais com a região e com o resto do mundo têm sinal negativo. Na década de 60 a tendência foi gerar déficit com a região e superávit com o resto do mundo, tendência que se arresvou na década de 70.

Estas são as generalizações que se podem tirar do estudo do comportamento das balanças comerciais, sem cair em simplificações mercantilistas. Outro ponto de vista interessante sobre as balanças comerciais dos países é sua análise segundo grupos de produtos, já que isto pode dar esclarecimento à estrutura do intercâmbio na região e ao grau de especialização existente entre os diferentes países. Esta análise se faz a continuação tomando os 5 grupos da CUCI-2 já descritos (ver Quadro no. 21).

Em nível global, tanto em 1962 como em 1970 e 1980, a região foi exportadora básica de alimentos, matérias-primas agrícolas, combustíveis e minérios, e importadora básica de manufaturas (ver Quadro no. 21). Cada um dos países foi, igualmente, importador básico de manufaturas em cada um desses anos. Entretanto, nos 4 itens restantes (produtos básicos), uns são importadores e outros exportadores básicos respectivamente, segundo o item de que se tratar.

A comparação entre os saldos do comércio com a região e com o resto do mundo por grupos de produtos é interessante para a análises da natureza do intercâmbio intra-regional. A seguir faz-se esta comparação, país por país, para os anos 1962, 1970 e 1980.

Em seu comércio com o resto do mundo, a Argentina foi deficitária em combustíveis, minérios e manufaturas, e obteve superávit em alimentos e matérias-primas agrícolas nesses 3 anos. No comércio intra-regional, este país foi exportador básico de alimentos, e importador básico de matérias-primas agrícolas, combustíveis e minérios. No comércio intra-regional de manufaturas esteve equilibrado em 1962, teve superávit em 1970 e déficit em 1980. No caso argentino, é evidente que os alimentos representaram sua especialização, tanto no comércio regional como com o resto do mundo.

A Bolívia, em geral, foi um exportador básico de combustíveis e minérios nas duas décadas passadas, e importador básico de alimentos e manufaturas. Isto é válido, tanto para seu intercâmbio com a região, como com o resto do mundo.

Em seu comércio global, o Brasil foi deficitário em alimentos, combustíveis e manufaturas em 1962, 1970 e 1980. Em matérias-primas agrícolas sempre acusou superávit e em minérios passou de importador básico em 1962 a exportador básico em 1970 e 1980. O Brasil é provavelmente o país que maiores contrastes apresenta entre a estrutura de sua balança com a região e com o resto do mundo. Em seu comércio com a região, o Brasil tendeu a ter déficit em alimentos e superávit em manufaturas. O comércio com o resto do mundo, pelo contrário, deu superávit em alimentos e déficit em manufaturas.

A Colômbia é um exportador básico de alimentos para o mundo e para a região, e um importador básico de minérios e metais de ambas origens. Passou de exportador básico de combustíveis em 1962 e 1970 a importador básico da região e o resto do

QUADRO No. 21

SALDOS DA BALANÇA COMERCIAL DOS PAÍSES POR GRUPOS DE PRODUTOS
1962-1970-1980

(Em milhões de dólares)

PAÍSES E GRUPO DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAL			RESTO DO MUNDO			GLOBAL		
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980
ARGENTINA									
1. ALIMENTOS	1	9	289	140	85	2.228	139	76	2.517
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	92	138	576	728	1.083	4.075	820	1.221	4.611
3. COMBUSTÍVEIS	33	74	171	231	117	280	198	43	169
4. MINERAIS E METAIS	44	29	285	35	44	522	79	74	808
5. MANUFATURAS	13	80	228	192	235	357	185	335	565
6. NÃO CLASSIFICADOS	1	38	140	910	809	5.762	911	775	5.642
	0	0	0	2	7	2	2	7	2
BOLÍVIA									
1. ALIMENTOS	14	5	146	10	76	54	24	71	200
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	7	10	14	15	16	16	23	26	95
3. COMBUSTÍVEIS	1	7	11	-	1	18	3	3	32
4. MINERAIS E METAIS	2	9	154	1	1	3	3	8	157
5. MANUFATURAS	0	3	119	61	163	529	61	106	676
6. NÃO CLASSIFICADOS	4	17	167	53	91	487	57	103	584
	0	3	14	1	0	2	1	3	17
BRASIL									
1. ALIMENTOS	159	7	476	102	103	5.958	261	110	5.482
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	39	66	489	662	1.487	7.402	623	1.421	6.913
3. COMBUSTÍVEIS	19	51	10	135	223	437	154	274	447
4. MINERAIS E METAIS	118	57	755	138	306	9.645	236	363	10.400
5. MANUFATURAS	25	23	244	5	34	1.169	20	57	905
6. NÃO CLASSIFICADOS	4	37	1.973	766	1.542	5.578	762	1.555	3.605
	0	5	1	0	1	257	0	6	258
COLÔMBIA									
1. ALIMENTOS	4	4	145	70	112	573	74	108	718
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	3	9	58	319	476	2.229	316	465	2.287
3. COMBUSTÍVEIS	4	7	35	5	15	89	9	8	54
4. MINERAIS E METAIS	4	28	176	48	36	279	52	64	455
5. MANUFATURAS	0	20	114	48	73	303	48	93	417
6. NÃO CLASSIFICADOS	1	6	112	374	565	2.294	375	571	2.162
	0	0	10	10	1	15	10	1	5
CHILE									
1. ALIMENTOS	48	51	280	68	355	151	19	304	431
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	42	73	146	23	6	60	65	79	88
3. COMBUSTÍVEIS	19	7	138	3	1	229	22	6	367
4. MINERAIS E METAIS	14	23	441	19	34	445	33	57	866
5. MANUFATURAS	22	61	490	412	944	2.329	434	1.027	2.779
6. NÃO CLASSIFICADOS	3	10	238	303	573	2.324	300	583	2.562
	1	1	44	4	3	0	5	4	43

Quadro No. 21 (Cont.)

PAÍSES E GRUPO DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAL						RESTO DO MUNDO						GLOBAL		
	1962	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980	1982	1970	1980
EQUADOR															
1. ALIMENTOS	3	15-	182	18	69-	45	21	84-	227						
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	5	14	140	95	144	450	100	152	636						
3. COMBUSTÍVEIS	0	0	6-	2-	2-	11-	1-	2-	17-						
4. MINERAIS E METAIS	0	13-	151	2-	3-	1.147	7-	16-	1.338						
5. MANUFATURAS	0	3-	25-	7-	22-	161-	7-	25-	206-						
6. NÃO CLASSIFICADOS	1-	13-	118-	69-	164-	1.358-	70-	197-	1.516-						
	0	0	0	1	2-	8-	1	2-	8-						
MÉXICO															
1. ALIMENTOS	15	26	79-	384-	1.315-	3.120-	369-	1.289-	3.194-						
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	1-	15-	55-	224	311	654-	221	256	709-						
3. COMBUSTÍVEIS	2	3-	10-	135	0	160-	135	3-	176-						
4. MINERAIS E METAIS	7	11	178	71	36-	9.171	7	39-	9.329						
5. MANUFATURAS	7	11	39-	71	15-	1.447-	78	2-	1.667-						
6. NÃO CLASSIFICADOS	7	34	153-	617-	1.574-	9.850-	610-	1.540-	10.011-						
	0	0	0	0	1-	6-	0	1-	6-						
PARAGUAI															
1. ALIMENTOS	2	7	157-	9-	19-	147-	7-	12-	304-						
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	1	5	23	9	21	22	10	26	45						
3. COMBUSTÍVEIS	7	13	67	7	5	67	11	16	154						
4. MINERAIS E METAIS	2-	1-	98-	4-	10-	72-	6-	11-	170-						
5. MANUFATURAS	1-	2-	13-	1-	3-	3-	2-	5-	16-						
6. NÃO CLASSIFICADOS	3-	8-	136-	16-	31-	161-	19-	39-	317-						
	0	0	0	1-	1-	0	1-	1-	0						
PERU															
1. ALIMENTOS	0	46-	193	6-	473	542	2-	427	735						
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	26-	41-	45-	145	371	51	117	330	6						
3. COMBUSTÍVEIS	21	9	9	74	29	44	95	38	51						
4. MINERAIS E METAIS	12	6-	21	3-	1-	589	5-	7-	610						
5. MANUFATURAS	3-	8	196	158	448	1.078	170	456	1.224						
6. NÃO CLASSIFICADOS	0	16-	12	372-	378-	1.209-	375-	394-	1.197-						
	0	0	0	4-	4-	39	4-	4-	39						
URUGUAI															
1. ALIMENTOS	37-	45-	187-	40-	45	358-	77-	0	545-						
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	14-	10-	96	36	92	198	24	82	294						
3. COMBUSTÍVEIS	4-	6-	27-	89	66	188	65	60	161						
4. MINERAIS E METAIS	11-	3-	110-	18-	31-	352-	29-	34-	462-						
5. MANUFATURAS	1-	13-	54-	16-	6-	44-	17-	19-	98-						
6. NÃO CLASSIFICADOS	6-	17-	95-	121-	66-	348-	127-	78-	443-						
	1-	1-	3	12-	10-	0	13-	11-	3						

Quadro No. 21 (Cont.)

PAÍSES E GRUPO DE PRODUTOS	INTRA-REGIONAL			RESTO DO MUNDO			GLOBAL		
	1962	1970	1980	1962	1970	1980	1962	1970	1980
VENEZUELA									
1. ALIMENTOS	146	62	606	1.389	1.223	5.666	1.537	1.285	6.292
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS	8-	17-	171-	126-	129-	1.600-	134-	146-	1.721-
3. COMBUSTÍVEIS	2-	4-	49-	39-	59-	266-	41-	63-	315-
4. MINERAIS E METAIS	163	112	1.290	2.208	2.775	16.238	2.371	2.887	17.528
5. MANUFATURAS	1-	7	21-	26	13	480-	27	20	501-
6. NÃO CLASSIFICADOS	4-	36-	493-	674-	1.365-	8.200-	678-	1.401-	8.693-
	0	0	0	6-	12-	6-	8-	12-	6-
TOTAL REGIÃO									
1. ALIMENTOS							624	560	5.742-
2. MATERIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS							2.009	3.766	12.241
3. COMBUSTÍVEIS							602	368	873
4. MINERAIS E METAIS							2.617	2.354	15.821
5. MANUFATURAS							511	1.267	2.067
6. NÃO CLASSIFICADOS							4.484-	7.184-	36.951-
							31-	16-	213

Fonte: ALADI. Secretaria-Geral. Unidade de Informação e Estudos. Departamento de Estudos Gerais.

//
mundo em 1980. Em manufaturas sempre foi importador básico frente ao resto do mundo e passou de importador básico da região em 1962 e 1970, a exportador básico em 1980.

O Chile, em geral, tem sido exportador básico de metais e minérios para a região e para o resto do mundo e importador básico de alimentos, combustíveis e manufaturas. No caso chileno, a estrutura do comércio intra-regional e extra-regional é praticamente igual.

O Equador foi, nas duas décadas passadas, exportador básico de alimentos e importador básico de minérios e manufaturas, tanto ante a região como ante o resto do mundo. O Equador converteu-se em exportador básico de combustíveis para a região e para o mundo na década de 70.

Em fins da década de 70, o México converteu-se em um exportador básico de combustíveis e importador básico dos demais grupos de produtos, tanto em seu comércio global como em seu comércio regional.

O Paraguai tem um padrão de comércio igual ante a região e o resto do mundo. É um exportador básico de alimentos e matérias-primas agrícolas, e um importador básico de minérios, combustíveis e manufaturas.

O Peru é um exportador básico de minérios e matérias-primas agrícolas para a região e para o mundo e passou na década de 70 a ser exportador básico de combustíveis a ambos. Em alimentos é exportador básico para o mundo e importador básico da região, e em manufaturas é importador básico do mundo e em 1980 foi exportador básico para a região.

Em seu comércio com o mundo, o Uruguai foi exportador básico de alimentos e matérias-primas agrícolas em 1962, 1970 e 1980, e importador básico de combustíveis, minérios e manufaturas. Ante a região foi importador básico de todo tipo de produtos em 1962 e 1970, e exportador básico de alimentos em 1980.

A Venezuela tem sido importador básico de alimentos, matérias-primas agrícolas e manufaturas da região e do resto do mundo, e exportador básico de combustíveis. Em minérios e metais foi exportador básico em 1962 e 1970, e foi importador básico da região e do mundo em 1980.

Como conclusão da análise dos saldos da balança comercial dos onze países ante a região e o resto do mundo no período 1962-1980, deduz-se:

- a) A região em média tendeu a gerar superávit na balança comercial durante a década de 60 e déficit durante a década de 70, na qual o financiamento externo permitiu um rápido crescimento das importações.
- b) Para a maioria dos países existe uma correlação positiva entre os resultados do comércio intra-regional e os resultados do intercâmbio com o resto do mundo, o que indica que os saldos do comércio com a região dependem das políticas e tendências gerais do setor externo de cada país. A exceção mais notória a este comportamento foi o Brasil, que tendeu a gerar superávit frente ao resto do mundo e déficit ante a região na década de 60 e, inversamente, déficit com o resto do mundo e superávit ante a região na década de 70.

//

c) Em geral a estrutura da balança comercial por grupos de produtos é similar ante a região e ante o resto do mundo. Novamente, a exceção mais notória parece ser o Brasil, que em 1980 gerou um superávit de 1,973 bilhão de dólares em manufaturas comercializadas com a região e um déficit de 5,578 bilhões de dólares em seu comércio de manufaturas com o resto do mundo.



VIII. PERSPECTIVAS DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL
ANTE A ATUAL CONJUNTURA MUNDIAL

Este estudo teve como objetivo central a realização de uma análise sobre as características do comércio dos onze países da ALADI nas últimas décadas, particularmente sobre sua estrutura por produtos e países e sobre sua evolução. Dada a situação de escassez de divisas e de problemas de pagamentos internacionais que enfrenta a maioria -embora não a totalidade- dos países da região, a utilidade presente desta análise depende muito da luz que possa emprestar a questões do seguinte teor:

- a) O que se pode esperar sobre a evolução do comércio intra-regional na atual conjuntura de escassez de divisas na região se não se realizam adequadas políticas econômicas regionais?
- b) Que contribuição poderia fazer um incremento do comércio intra-regional para atenuar os problemas de pagamentos da região?

Os elementos de juízo fornecidos pela análise da evolução do comércio intra-regional nas décadas passadas, bem como pela análise da conjuntura atual, permitem supor que os próximos anos serão difíceis para o crescimento do intercâmbio entre os países da região. Efetivamente:

- a) Um fator importante para o rápido crescimento das importações regionais em geral -incluindo as importações da mesma região- na passada década foi a ampla disponibilidade de crédito externo. Ao contrair-se o crédito, é de esperar-se que as importações em geral, incluindo as originárias da região, se desestimulem.
- b) Durante os anos vindouros, a fim de compensar os saldos negativos da conta de serviços (que inclui o pagamento de juros) e a redução das entradas líquidas de capital, a região em conjunto deverá gerar superávit na balança comercial ante o resto do mundo. A região deverá manter ou adotar políticas para conter as importações e fomentar as exportações de bens e serviços, políticas que podem afetar o comércio intra-regional. No Quadro no. 22 pode ver-se como em 1981 a balança de serviços deu um saldo negativo de US\$ 36,700 bilhões e as reservas caíram em US\$ 1,658 bilhão apesar de que o fluxo líquido de capitais ainda foi elevado nesse ano.
- c) O caráter predominantemente bilateral que ainda tem o comércio regional pode implicar em que uma contração ou desaceleração nas importações dos países maiores, que acumulam uma boa parte da dívida externa e que são os mais urgidos em tomar medidas corretivas, afete consideravelmente o volume do intercâmbio regional.

Os fatores anotados fazem prever que os próximos anos podem apresentar dificuldades ao desenvolvimento do comércio intra-regional e salientam a importância e urgência de promover as ações de cooperação econômica previstas no Tratado de Montevideu 1980.

QUADRO No. 22

BALANÇO DE PAGAMENTOS E RESERVAS DOS PAÍSES DA REGIÃO, 1981

(Milhões de dólares)

PAÍS	Exportações de bens (FOB)	Importações de bens (FOB)	Balança Comercial	Balança de serviços	Fluxo líquido de capital	Câmbio nas Reservas a)	Montante das Reservas b)
Argentina	9.146	8.231	915	- 4.968	1.030	- 3.451	3.453
Bolívia	942	680	262	- 436	270	137	134
Brasil	23.277	22.080	1.197	- 13.128	12.861	- 752	7.509
Colômbia	3.127	4.789	- 1.661	- 397	1.691	- 199	5.505
Chile	3.960	6.558	- 2.598	- 2.316	4.769	- 163	3.873
Equador	2.568	2.359	209	- 1.325	840	381	650
México	19.837	23.146	- 3.329	- 9.792	14.081	- 1.492	4.926
Paraguai	400 c)	675 c)	- 275 c)	- 12 c)	453	- 153 c)	810
Peru	3.218	1.850	632	- 1.134	1.142	634	1.609
Uruguai	1.059	1.668	- 610	- 108	738	- 176	889
Venezuela	19.057	11.318	7.739	- 3.059	- 4.220	- 10	8.648
REGIÃO	86.591	85.374	1.217	- 36.695	33.655	1.658	38.006

(a) Na contabilidade de balanço de pagamentos, um valor positivo indica uma diminuição das reservas e um valor negativo, um aumento.

(b) Em 31 de dezembro de 1981.

(c) Esta cifra corresponde a 1980.

Fonte: ALADI. Departamento de Estudos Gerais, Unidade de Informação e Estudos, com base em FMI, Estadísticas Financieiras Internacionais, Anuário 1983.

//

Com relação à contribuição potencial de um incremento do comércio entre os onze países à poupança de divisas na região, deve reconhecer-se que o montante do intercâmbio intra-regional é ainda relativamente baixo ante o comércio total da região. Partindo desde fato se pode argumentar que a contribuição de um incremento do intercâmbio regional à poupança líquida de divisas da região seria moderada. Efetivamente, se a participação da região nas importações aumentasse de 12% a 15%, isso economizaria para a região apenas US\$ 2,500 bilhões anuais em divisas.

No entanto, é importante ter muito claro que qualquer progresso da participação do comércio intra-regional, por pequeno que seja, representa uma poupança líquida de divisas para a região, e no entanto, qualquer retrocesso representa uma despesa líquida das mesmas. Complementarmente, a participação dos países no comércio intra-regional é variável, motivo pelo qual particularmente o eventual retrocesso desse comércio naqueles países que representam uma participação elevada, implicaria uma repercussão considerável no intercâmbio comercial.